



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

PRISCILA DE JESUS SILVA

**PROJETO DE PRODUÇÃO EDITORIAL
DO LIVRO INFANTIL *DIREITINHO, DIREITÃO***

Salvador

2018

PRISCILA DE JESUS SILVA

**PROJETO DE PRODUÇÃO EDITORIAL
DO LIVRO INFANTIL *DIREITINHO, DIREITÃO***

Memorial descritivo apresentado à banca examinadora do curso de graduação em Comunicação Social – Produção em Comunicação e Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA), como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharela em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra Itânia Maria Mota Gomes

**Salvador
2018**

Autorizo a reprodução e/ou a divulgação parcial ou total deste memorial, por qualquer meio convencional ou eletrônico, somente para propósitos acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte. Reservo outros direitos de publicação e nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem minha autorização por escrito.

Priscila de Jesus Silva

Rua Treze de Maio, nº 10E, Nova Sussuarana, Salvador – Bahia - Brasil,

CEP 41215-110

priscila.com@gmail.com

Este trabalho preserva todos os direitos de uso de imagem, voz e produção intelectual da menor **Serena Silva Nascimento** – autora do livro infantojuvenil ***Direitinho, direitão***©.

Salvador - Bahia, Brasil, 01 de Junho de 2018.

PRISCILA DE JESUS SILVA

**PROJETO DE PRODUÇÃO EDITORIAL
DO LIVRO INFANTIL DIREITINHO, DIREITÃO©**

Memorial descritivo apresentado à banca examinadora do curso de graduação em Comunicação Social – Produção em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA), como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharela em Comunicação Social.

Aprovado em: 17 / 07 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Itania Maria Mota Gomes
Nuno Manna Nunes Cortes Ribeiro
Valéria Maria Sampaio Vilas Bôas Araújo

SILVA, Priscila de Jesus. **Projeto de produção editorial do livro infantil *Direitinho, Direitão***©. 2018. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

A produção editorial do livro infantojuvenil *Direitinho, Direitão*© apresenta uma publicação com temática acerca dos direitos da criança. Esse projeto traz uma narrativa polifônica, retratada no texto da autora Serena Céu, criança brasileira, 10, e trata a respeito dos principais artigos da Convenção Internacional dos Direitos da Criança. A publicação funciona efetivamente como uma livre interpretação do instrumento de lei por uma criança autora, interpelada por diferentes discursividades inscritas na produção editorial, e revela sua experiência cidadã na infância. Para tal, foi realizado um processo produtivo que primou pela ampla participação da autora em suas etapas, pela imersão profunda na temática do projeto e na articulação de técnicas e ferramentas diversas, indispensáveis para a construção do livro infantojuvenil.

Palavras-chave: Livro infantojuvenil. Direitos da criança. Produção editorial. Discursividades.

SILVA, Priscila de Jesus. **Projeto de produção editorial do livro infantil Direitinho, Direitão**. 2018. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ABSTRACT

The editorial production of the infantile book *Direitinho, Direitão*© presents a thematic publication about the rights of the child. This project brings a polyphonic narrative, portrayed in the text of the author Serena Céu, brazilian child, 10, and deals with the main articles of the International Convention on the Rights of the Child. The publication functions effectively as a free interpretation of the instrument of law by an author child, challenged by different discursive inscriptions in the editorial production, and reveals his childhood experience as a citizen. To this end, a productive process was carried out that emphasized the author's extensive participation in her stages, by deep immersion in the thematic of the project and in the articulation of diverse techniques and tools, indispensable for the construction of the book for children and youth.

Keywords: Infantile Book. Rights of the child. Editorial production. Discursiveness.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
1.1 Objetivos	12
1.1.1 Objetivo geral.....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
1.2 Metodologia	12
1.2.1 <i>Design Thinking</i>	13
1.2.2 <i>Project Model Canvas</i>	14
2 Desenvolvimento do tema	14
2.1 Sobre o lugar social da criança	14
2.2 Contextualização histórica dos direitos da criança no mundo	19
2.3 A Convenção Internacional dos Direitos da Criança	21
2.4 Produção cultural, infância e literatura	23
2.4.1 Literatura infantil e produção editorial brasileira.....	23
2.5 A criança-autora	26
2.6 Mercado editorial e novas tendências.....	28
3. Desenvolvimento do projeto	30
3.1 Imersão	31
3.1.1 Pesquisa <i>desk</i>	31
3.1.2 Mapa mental.....	32
3.1.3 Painel semântico.....	33
3.1.4 Princípios norteadores.....	34
3.1.5 Análise de similares.....	34
3.2 Ideação	39
3.2.1 Criação da narrativa.....	40
3.2.2 Decupagem do texto	42
3.2.3 Ilustrações.....	46
3.2.4 Projeto gráfico.....	47
3.2.5 ISBN e propriedade intelectual.....	49
3.3 Execução do produto final	50
3.3.1 Captação de recursos e parcerias futuras.....	50

3.3.2 Campanha <i>crowdfunding</i>	51
4 Considerações finais	52
Referências.....	55
APÊNDICE A –.Detalhes do PMC	59
APÊNDICE B – <i>Sketches</i>	62
APÊNDICE C – Interface ISBN e formulário de registro de autoria.....	65
APÊNDICE D – Financiamento coletivo.....	68
APÊNDICE E – Texto original <i>Direitinho, direitão</i> por Serena Céu	71

1. INTRODUÇÃO

É este o caso: uma criança autora, Serena Céu, decide transformar em narrativa literária e autobiográfica sua interpretação sobre um instrumento de lei global – a Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Tão logo domina o ‘*bê-a-bá*’, expressa sua vontade de escrever e mobiliza o interesse da mãe, produtora cultural, em se engajar como profissional, afetiva e parietalmente na realização do seu desejo de tornar-se escritora, já aos sete anos. Para tanto, utiliza como ferramenta um jogo de cartas infantil, produzido em língua diferente da sua língua mãe, com o qual costuma brincar. A partir da brincadeira de criança e inserida em ambiente de múltiplas vozes pelas quais é constantemente interpelada, se desloca para o lugar de autora; num processo de construção de identidade própria atravessado por diversos dizeres, diferentes formações discursivas. Neste ponto, surgem todos os desafios apresentados, a seguir, para a concretização do livro *Direitinho, Direitão*.

Esse trabalho descreve analiticamente a produção de um bem cultural amparado na fala de uma criança sobre os direitos internacionais infanto-juvenis, a partir de seu entendimento sobre oito artigos da Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Existe a pretensão de, nesse percurso, garantir que a autora possa apresentar um discurso e ser lida – ouvida. A produção editorial do livro infantil *Direitinho, Direitão* se oferece como um conjunto articulado de ferramentas processuais de promoção da criança enquanto sujeito político que deseja ativar seus direitos de participação; e de campo profissional capaz de confrontar um universo de identidades diferentes, que se deslocam mutuamente, apelando cada uma a partes de si mesmas, em suas variadas etapas de realização.

Dessa forma, a construção do livro infantil é encarada aqui no domínio dos estudos culturais, a partir do entendimento de que as identidades – não como essências do sujeito, mas enquanto posicionamentos – resultam de uma relação de força entre as representações construídas pelos que exercem o poder de nomear e classificar esse ou aquele sentido; de definir o que é universalmente consensual. Ao mesmo tempo, considera-se a noção de que o sujeito é um ser social, que produz sentido através do discurso – disperso, fragmentado e múltiplo. Não há identidade sem sujeito e também não existe sujeito sem discurso (HALL, 2001; ORLANDI, 2003).

Através da construção da narrativa, em *Direitinho, Direitão*, é possível identificar como a autora se utiliza dos signos disponíveis perpassando as etapas de desenvolvimento

da linguagem e construção de sua subjetividade. Segundo Vygotsky (1987), o homem se produz na e pela linguagem, isto é, é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito.

Do lugar da produção cultural, o desafio maior foi desapegar-se da noção de que o livro em si, através do texto e com todas as suas funcionalidades, possui um sentido transparente e direto; além da ideia de que o discurso da criança autora é uma fala em si própria, sem acúmulo discursivo histórico, à prova dos sentidos contextualmente construídos indiretamente e de forma subjetiva. As problemáticas se apresentam como uma avalanche. O mais complexo neste trabalho foi, primeiro, identificar as ferramentas que possibilitariam realizar a produção editorial, de forma a favorecer os posicionamentos da autora, da imersão na temática até a realização do produto final. Depois, utilizar as ferramentas identificadas em prol do sujeito-autora e de sua produção literária, enxergando-as em um processo de construção da subjetividade da própria autora. Nesse fluxo, compreende-se, aqui, a produção cultural como os modos de acionar e relacionar técnicas e dispositivos de feitura, salvaguarda ou promoção dos bens culturais, a partir das necessidades declaradas pelas partes envolvidas.

Entende-se, também, que a comunicação não é um processo linear e que o sentido dele dar-se-á de forma contextual. Então, investiga-se neste trabalho quais tensionamentos e limitações se impõem ao processo de produção editorial, ocasionados pelos diferentes discursos que o elaboram.

Neste memorial, há o esforço de tornar visível toda a complexidade que se estabelece a partir dessas questões, num esforço contínuo de alcançar algumas respostas ou, ao menos, indicativos que nos aproximem delas. Entendendo também que as mídias nos oferecem, constantemente, posições-de-sujeito, assim como os critérios, ou seja, as condições de ocupação.

Em paralelo, é imprescindível elucidar aqui como se realiza o deslocamento de modos de produção e suportes culturais, que resulta em formato discursivo específico; numa prática cultural que se utiliza de diferentes discursividades para garantir um lugar de fala, reclamado ou não pelo sujeito que o protagoniza. "As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós" (HALL, 2000: 112). A visão de Hall nos impele a debruçar-nos sobre os sentidos comumente produzidos na relação produção cultural e crianças. Lembrando que para o autor, o processo comunicativo se dá em relação de desigualdade de poder; em que a

codificação produz alguns dos limites e parâmetros dentro dos quais as decodificações vão operar.

A organização deste memorial inicia-se na descrição dos objetivos do projeto e da metodologia adotada para a produção editorial do livro infantojuvenil – a partir do detalhamento dos conceitos e etapas do *design thinking* e do *project model canvas*. Logo após, contextualiza-se historicamente o lugar social da criança e a questão dos direitos infanto-juvenis, com o necessário enfoque na Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Na seção ‘produção cultural, infância e literatura’, visualiza-se o ambiente da literatura infantil, os modos de produção comumente utilizados e o comportamento do mercado editorial na relação com o livro infantil; apresenta-se a criança-autora e caracteriza-se os tempos de ação sugeridos pelos diferentes partícipes ao longo do desenvolvimento do projeto. A descrição continua tratando da formatação do livro e suas especificações técnicas; apontando as atividades referentes à imersão, ideação – etapa em que a coordenação editorial se torna mais presente, e em que os trâmites burocráticos para a inserção da obra no mercado de livros exigem atenção quanto ao registro do ISBN - *International Standard Book Number* e direitos autorais; e execução do produto final. Seguem-se os tópicos sobre a preparação da versão definitiva da primeira edição do *Direitinho*, *Direitão* e sobre a captação de recursos e campanha de financiamento coletivo para viabilizar o projeto.

Na fase conclusiva, este trabalho tentará responder à seguinte questão norteadora: que representações sobre a criança emergem no discurso da produção editorial do livro *Direitinho*, *Direitão* e concorrem para a construção das identidades convocadas em sua realização? Tentando respondê-la, busca-se resolver outros apontamentos: 1. Que sentidos a criança autora constrói sobre o ser, o modo de ser, de tornar-se e vir a ser cidadã? 2. De que modo a criança foi, durante a produção do livro, identificando-se ou não como autora? 3. Do ponto de vista da produção editorial, qual a relevância da participação da criança autora na tomada de decisões? 4. Como o curso de Comunicação Social contribuiu na constituição da identidade de produtor cultural, nesta experiência? As questões estão postas e seus desdobramentos devem ser perceptíveis a qualquer leitor do título *Direitinho*, *Direitão*, que a princípio se direciona às crianças leitoras, entre 7 e 12 anos, não exclusivamente.

1.1 Objetivos

Os objetivos deste trabalho buscam vencer os desafios de uma produção editorial que lance um olhar analítico sobre sua prática discursiva e sobre os sentidos históricos vinculados à ideia de infância; ao tempo em que observa como a articulação de diferentes modos de produção em comunicação e cultura podem permitir ampla participação da criança autora, nesse processo.

1.1.1 Objetivo geral

Produzir livro de literatura infanto-juvenil, buscando articulações metodológicas e ferramentais para uma produção editorial atenta às diferentes discursividades implicadas em sua realização.

1.1.2 Objetivos específicos

- a. Realizar a produção editorial do livro infantojuvenil *Direitinho, Direitão* – de autoria da criança Serena Céu;
- b. Desenvolver um projeto editorial que respeite a construção da subjetividade e autopercepção cidadã da criança autora;
- c. Indicar as posições de sujeito que se deslocam e conversam no processo de produção do livro, analisando-as no ambiente dos estudos culturais.

1.2 Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste projeto foi sendo construída ao passo em que a construção literária da narrativa proposta pela autora do livro já acontecia. Essa escolha um tanto tardia foi um desdobramento da dificuldade de alinhar os objetivos deste projeto aos modos costumeiros de produzir no mercado de cultura brasileiro. As ferramentas conhecidas e a estrutura de ‘pré-produção-pós’ se revelaram rígidas demais ao que se pretendia experimentar e analisar na realização do livro *Direitinho, Direitão*. Dessa forma, articula-se o processo criativo espontâneo da autora com contribuições técnicas das áreas de design e administração.

1.2.1 Design Thinking

Começamos com o *design thinking*, cuja ideia principal é a de que realizadores, em geral, deveriam pensar como um designer, com foco na experiência humana de interação com o tipo de produto ou serviço que se quer ofertar.

O valor da empatia, da criatividade e da interação com seu interlocutor - nesse caso, o leitor e a própria autora, são pilares desse modo de realização. É preciso compreender e estabelecer uma relação muito próxima com o público para o qual desenvolvemos um projeto ou produto. Lembrando que na produção do *Direitinho, Direitão*, autor, produtor e leitor expressam suas opiniões, necessidades e expectativas numa relação de poder desigual, cotidiana e constante. Afinal, a criança autora direciona sua narrativa para outras crianças, chamadas por ela de *xeretas* - seria o mesmo de *curiosas*; e ao mesmo tempo para os adultos, quando convoca o dever legal da proteção dos direitos infanto-juvenis por eles, em seu discurso. Essa forma de discursar acontece sob coordenação editorial de sua própria mãe; que por sua vez aciona modos de produção que proporcionem ampla participação à autora, na definição dos caminhos de realização da obra.

No *design thinking* a abordagem de empatia trata-se de um conhecimento mais pessoal e profundo, que ajuda a compreender os interlocutores não apenas como público alvo - alinhando-nos com o entendimento sobre a produção de sentido dos estudos culturais; mas como sujeitos detentores de múltiplas discursividades, que acionarão repertórios diversos na leitura do produto cultural apresentado.

Seguindo a formulação de questionamentos, por meio da apreensão e compreensão de fenômenos e comportamentos da criança e da produção e mercado editoriais, a técnica do *design thinking* se estabelece. As soluções criadas nesse projeto não derivam dos problemas identificados, mas sim das respostas às questões elaboradas - elencadas na introdução deste memorial, que possibilitam o encaixe orgânico das estratégias no projeto; desafiando padrões, desfazendo conjecturas e transformando-as em um modo inédito de produção em comunicação e cultura.

Teremos, a partir do design thinking, quatro etapas de trabalho: a primeira é a imersão, que nos leva à construção do mapa mental; em seguida, temos a ideação, quando damos forma aos conceitos do projeto; a prototipação que resume-se a um teste de formatos e a etapa de desenvolvimento efetivo do produto final.

Alia-se ao conceito do *design thinking* a metodologia proposta por Gutto Lins (2004), na sua obra *Livro infantil?*, destinada especificamente para o planejamento de um livro

infantil, desde o entendimento sobre esse tipo de publicação até o projeto gráfico e impressão do livro. O autor sugere que sejam seguidos os seguintes passos: 1. Leitura subjetiva do texto, a fim de definir o “clima” do livro; 2. Decupagem do texto, separando trechos e relacionando com possíveis imagens; 3. Planificação inicial buscando representar todos os dados técnicos que serão adotados na versão final do livro (formato, numeração, cores possíveis etc.); 4. Protótipo em tamanho real ou “boneca”.

Somar-se-á, por fim, a esta gama de abordagens metodológicas a ferramenta de gerenciamento de projetos Canvas, adaptada por José Finocchio Jr, e adequada a este projeto pela produção editorial. Trata-se de uma tela, como o próprio nome sugere; uma lâmina em papel de tamanho A1, que permite que os projetos sejam desenvolvidos de uma maneira rápida e colaborativa, porque prevê a participação de vários profissionais que têm conhecimento e poder de decisão sobre o projeto, permitindo que todos os envolvidos nas ideias participem de forma colaborativa, conjunta, de tal maneira que vão dar corpo consistente ao trabalho. Essa ferramenta foi crucial para viabilizar ampla participação da autora no gerenciamento da produção editorial.

O método de elaboração e gerenciamento de projetos comumente utilizado por produtores culturais sugere uma explanação prévia, e quase inflexível, das ideias e estratégias que nortearão a produção em comunicação e cultura. Esse modo de produção exige que os envolvidos no processo tenham muito mais certezas do que cabia a esse projeto, em específico. A participação da criança nas tomadas de decisão só se tornou possível porque o acesso às informações do projeto por ela, assim como a possibilidade de alterações no planejamento, existiu. Por isso, descartou-se aqui as ferramentas predominantemente utilizadas para o planejamento de produtos culturais por profissionais da área.

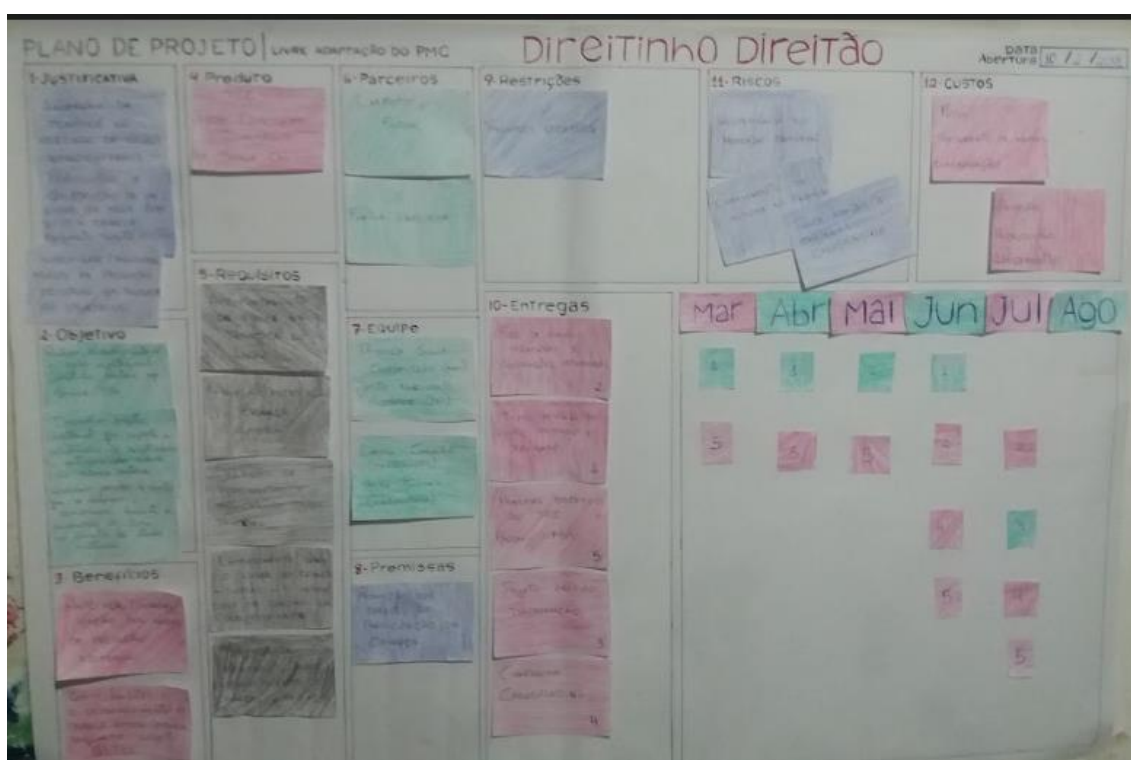
1.2.2 Project Model Canvas

Com o propósito de obter uma sistematização das informações e eficiência no planejamento dos processos produtivos, foi utilizado o Project Model Canvas (PMC), a partir do modelo criado por José Finocchio Júnior. Essa ferramenta possibilita uma visão de todas as etapas necessárias para a concretização do projeto, fatores de risco, pessoas envolvidas no processo e outros setores que proporcionam uma compreensão do contexto geral do projeto. O PMC visa a otimização do tempo e, através do uso de post-its para o

preenchimento dos quadros, é possível, estrategicamente, alterar as informações no decorrer do processo, tornando a ferramenta mais interativa, prática e eficiente.

O Canvas pode ser descrito como uma representação visual do projeto e é dividido em: justificativa, objetivo, benefícios, produto, requisitos, stakeholders¹, equipe, premissas, restrições, riscos, custos e entregas. Quando o Canvas está totalmente preenchido, pode-se afirmar que todo o cronograma do projeto está definido. A seguir, pode ser conferido o resultado do Canvas. No ‘**Apêndice A**’ deste memorial é possível conhecer detalhes desse painel, por meio de imagens.

Fig. 1 – Painel Canvas adaptado por Priscila Silva, para este projeto



2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA

2.1 Sobre o lugar social da criança

Existe um público interlocutor aqui, personificado pela própria autora – no vocabulário dos produtores culturais identificado como público alvo; que não será tratado como homogêneo, muito menos como passivo: a massa de crianças leitoras, que apesar de pequena entre crianças alfabetizadas, é crescente no Brasil.

Uma das principais questões deste projeto é saber qual o conceito de *criança* o orienta. Além disso, entender qual a posição de sujeito dessa criança frente à sociedade de direitos e à produção e mercado editorial. A princípio, adotamos aqui a concepção de que esse indivíduo infantil está em constante construção identitária, elaborando ainda suas formas de discursar e produzir sentido. Segundo Canclini (1997), “a identidade é uma construção que se narra”. Tal afirmação ganha sentido quando entendemos a identidade como uma co-produção, ou seja, uma construção participativa de todos os sujeitos atores constituintes, através de múltiplas narrativas possíveis.

No discurso em construção de Serena Céu, “fotografado” no livro *Direitinho, Direitão*, estão imbricadas as falas de seus genitores, da família ampliada, do ilustrador e da designer, da linguagem jurídica contida na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, do universo da literatura infantil e mais uma infinidade de vozes que dialogam com a autora em suas experiências cotidianas. A identidade é uma construção na medida que é partilhada. A identidade é cultural, e não individual. Dessa forma, o livro infantil funciona aqui como um elemento catalisador dessa identidade partilhada e em constante reelaboração.

Ao se tornar um relato que reconstruímos incessantemente, que reconstruímos com os outros, a identidade se torna também uma co-produção. No entanto, é necessário observar que essa co-produção se realiza em condições desiguais de poder entre os variados atores que nela intervêm. Deve-se levar em conta os modos diversos como esta identidade se recompõe nos desiguais circuitos de produção, comunicação e apropriação da cultura. Nesse sentido, a narrativa de Serena Céu, sobre seu entendimento acerca dos próprios direitos, se dá em um contexto familiar no qual o diálogo e a recusa à autocracia delineiam as relações interpessoais e os deslocamentos identitários individuais e coletivos. É em um ambiente de escuta ativa; ou seja, de atenção ao entendimento do outro, que a autora consegue se dedicar à uma produção intelectual, que para ela transparece ser a culminância de uma brincadeira.

Para Hall, a ideia de identidade é desenvolvida sob dois enfoques: primeiro, no sentido de conceber uma cultura partilhada, ou seja, os sistemas culturais unificam os indivíduos em quadros de referência. E um exemplo atual dessa concepção de identidade cultural recriada continuamente, no sentido de práticas de representação, são os movimentos sociais (feminista, antirracista, anti homofobia, entre outros) (HALL, 1996, p. 69). Frente a essa abordagem, é perceptível que a criança autora, enquanto sujeito social altamente vulnerável nas relações de poder, não se articula com total autonomia no sentido de gerar

uma caracterização atualizada do seu quadro de referência, tendo em vista a fase de desenvolvimento psíquico e social em que se encontra, e considerando a elaboração de um lugar de fala ainda não consolidado.

O segundo enfoque da identidade cultural se arquiteta no “que nós realmente somos” – e com a intervenção da modernidade – “o que nós nos tornamos”. Isto é, as identidades culturais provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias, sofrendo modificações constantes (HALL, 1996, p. 69). Por isso, nos importa entender como se construiu e como é revista a concepção de infância na sociedade contemporânea e para a indústria cultural.

É preciso abordar as concepções em uso de *criança* e *infância*. Segundo o historiador francês Philippe Ariès (1981), em algum tempo medieval a idade dos homens foi medida conforme seu padrão comportamental: Primeiro, a idade dos brinquedos, depois a idade da escola; a idade do amor, ou dos esportes da corte e da cavalaria, a idade da guerra e a idade sedentária, dos homens da lei, da ciência.

Na modernidade, em que o objetivo maior das famílias era educar para a produção e para o acúmulo – tanto de experiências quanto de bens, surge uma família afetiva que vê a criança como indivíduo com vida própria, merecedor de atenção especial em sua formação; na perspectiva de que com as mudanças no modo de vida integral da sociedade era preciso fortalecer os vínculos familiares para se adaptar com mais segurança àquelas mudanças. Para Ariès, a concepção de infância progrediu ao passo das transformações sociais, econômicas e culturais e está intrinsecamente vinculada ao reconhecimento das especificidades do infantil na modernidade. Sobre este aspecto, podemos somar as ideias de Lipovetsky, quando disserta sobre os tempos hipermodernos:

“O neologismo pós-moderno tinha um mérito: salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Rápida expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo ...” (LIPOVETSKY, 2004)

Sobre a infância, Pinto e Sarmiento (1997, p. 33) discorrem:

“Quem quer que se ocupe com a análise das concepções de criança que subjazem quer ao discurso comum quer à produção científica centrada no mundo infantil, rapidamente se dará conta de uma grande disparidade de posições. Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece.”

Na perspectiva construtivista de Piaget (1975), o começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. Conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo, é algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento. As formas de conhecer são construídas nas trocas com os objetos, tendo uma melhor organização em momentos sucessivos de adaptação ao objeto.

A adaptação ocorre através da organização, sendo que o organismo discrimina entre estímulos e sensações, selecionando aqueles que irá organizar em alguma forma de estrutura. A criança autora ganhou de presente um jogo produzido na França, portanto escrito em francês - língua na qual a autora desenvolveu leitura básica, que foi utilizado para estabelecer contato com a linguagem jurídica: entender o que é lei, o que são artigos de lei, que são direitos infantojuvenis e o que significa dizer que a Convenção é um instrumento de lei internacional, entre outros entendimentos necessários para a produção de sua narrativa no livro. O contato, por meio da brincadeira, constante e voluntário, promoveu uma adaptação da criança autora à linguagem jurídica, de forma que essa adaptação se traduziu em narrativa literária. Segundo Vygotsky (1988, p.117), no brincar a criança está acima de sua idade média, acima de seu comportamento diário. Assim, é na brincadeira que as crianças manifestam certas habilidades que não seriam esperadas para sua idade.

A adaptação possui dois mecanismos opostos, mas complementares, que garantem o processo de desenvolvimento: a assimilação e a acomodação. Segundo Piaget (1975), o conhecimento é a equilibração/reequilibração entre assimilação e acomodação, ou seja, entre os indivíduos e os objetos do mundo.

A assimilação é a incorporação dos dados da realidade nos esquemas disponíveis no sujeito, é o processo pelo qual as ideias, pessoas, costumes são incorporadas à atividade do sujeito. (PIAGET, 1975) A aprendizagem é sempre provocada por situações externas ao sujeito, supondo a atuação do sujeito sobre o meio, mediante experiências. Neste caso, Serena Céu recorda e narra experiências de sua vida familiar e escolar para ilustrar sua compreensão sobre como os direitos das crianças, ou seja, os seus próprios direitos são preservados ou não, na vida vivida. A aprendizagem será a aquisição que ocorre em função da experiência e que terá caráter imediato. O livro, bem cultural alvo dessa investigação, é um produto imediato de aprendizagem em função da experiência subjetiva, social e literária da criança autora.

2.2 Contextualização histórica dos direitos da criança no mundo

O reconhecimento dos direitos da infância e da condição da criança como sujeito de direitos é fato recente na história brasileira e em outros países do mundo. A história dos direitos da infância, assim como a história da criança, é uma construção social configurada pelo caráter paradoxal quanto ao reconhecimento da necessidade do direito e aos entraves para sua efetivação. Os investimentos científicos sobre a infância a partir do século XIX, em especial da Psicologia e Pedagogia, contribuíram para a construção de imagens da criança como um “vir a ser” e para a construção de práticas normativas quanto ao seu desenvolvimento e atendimento. No campo dos direitos contribuíram para a imagem da criança vulnerável e necessitada de proteção (Soares, 2006).

No século XX, o discurso predominante sobre a infância atribuiu-lhe o estatuto de sujeito de direitos, imagem construída com base na elaboração de dispositivos legais e documentos internacionais, entre os quais: a Declaração de Genebra (1923), a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção dos Direitos da Criança (1989). Há que se considerar a influência das condições históricas na formulação e evolução dos direitos. Dessa forma, os direitos proclamados nas declarações apresentam uma dimensão histórica pautada nas exigências de cada contexto histórico. Dessa forma, por mais fundamentais que possam ser, são direitos históricos, que nascem em certas

circunstâncias, e que na verdade se caracterizam por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes e surgem de forma gradual.

Assim pode-se afirmar que os direitos fundamentais não existem efetivamente, ou seja, o que se estabelece como fundamental em determinado contexto histórico e numa determinada civilização não é fundamental em outros momentos ou em outras culturas.

Considerando os conceitos de infância e criança enquanto construções históricas, pode-se afirmar a historicidade da luta dos direitos para essas categorias sociais. Até o século XVI não havia o reconhecimento dos direitos e das necessidades das crianças, pois estas eram subjugadas pelo poder sem limites dos pais, estando em condições de ser ignoradas, abandonadas ou maltratadas. Essa condição começa a mudar a partir desse período.

É a partir do século XVI que se iniciam as mudanças mais relevantes, que alterariam a posição de sujeito das crianças em relação aos adultos. A defesa da sobrevivência, proteção e educação das crianças se foram fortalecendo, e um lugar social especial foi destinado às crianças, no qual suas necessidades e direitos são significativamente preservados.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, foi um marco. No século XIX, a Pedagogia, Psicologia e Medicina iriam contribuir para melhor entendimento sobre as necessidades das crianças. Mas é no século XX que novos significados serão atribuídos à infância, “através de uma nova conscientização de que as crianças eram fontes humanas essenciais, de cuja dimensão maturacional iria depender o futuro da sociedade” (Soares, 2006, p.78). O movimento internacional Save the Children Fund International Union foi decisivo para que, em 1923, a Primeira Declaração dos Direitos da Criança, conhecida como Declaração de Genebra, fosse promulgada.

O texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos ressalta um discurso da proteção e auxílio à infância enfocando o atendimento às necessidades de sobrevivência das crianças. A Organização das Nações Unidas (ONU) criou o United Nations International Child Emergency Fund (Unicef) visando à criação de um fundo internacional de ajuda à infância vulnerabilizada socialmente, no contexto do pós-guerra. Logo o Unicef tornou-se um órgão permanente da ONU. A condição da criança, como prioridade absoluta e sujeito de direitos, é proclamada com a Declaração Universal dos Direitos da Criança em 1959.

Os demais princípios inovam em relação às declarações anteriores reconhecendo à criança o direito à nacionalidade, ao nome e a desenvolver-se em um clima de paz e

amizade. No início da década de 1970, intensificaram-se as discussões para que os direitos das crianças, até então proclamados, tivessem respaldo na lei internacional, obrigando os Estados a constituírem um elenco de obrigações mais específicas de proteção da infância, o que contribuiria para a formulação da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.

2.3 A Convenção Internacional dos Direitos da Criança

Proclamada em 1989, constituiu-se em um tratado inovador, internacional e dotado de caráter universal, ratificado por 192 países. A Convenção teve por objetivo reunir em um único documento as diferentes medidas internacionais de proteção à criança representando um forte instrumento inovador, internacionalmente reconhecido dos direitos das crianças, sendo assim um marco fundamental no percurso da construção e definição de um estatuto digno para todas as crianças. A Convenção sobre os Direitos da Criança em seus 54 artigos enuncia um amplo conjunto de direitos fundamentais (civis e políticos) e direitos econômicos, sociais e culturais. Define como criança qualquer pessoa menor de 18 anos (artigo 1o), cujos “melhores interesses” devem ser considerados em todas as situações (artigo 3o). Protege o direito à sobrevivência e ao pleno desenvolvimento (artigo 6o), e suas determinações envolvem o direito da criança ao melhor padrão de saúde possível (artigo 24), de expressar seu ponto de vista (artigo 12), e de receber informações (artigo 13). Ainda, atenta para o direito da criança de ser registrada logo após o nascimento, e de ter um nome e uma nacionalidade (artigo 7o). Sinaliza o direito de brincar (artigo 31), e de receber proteção contra todas as formas de exploração sexual e de abuso sexual (artigo 34).

O ano de 1979 foi declarado pela ONU como o Ano Internacional da Criança, contribuindo para a avaliação dos caminhos percorridos pelos direitos da infância. No Brasil, a Convenção dos Direitos da Criança foi ratificada em 20 de setembro de 1990.

A Convenção possui caráter inovador, quando estabelece normas internacionais no trato dos direitos da infância e especifica a responsabilidade de cada Estado no estabelecimento de legislações que validem os princípios da Convenção. O conjunto de direitos dispostos no texto da Convenção pode ser agrupado em três categorias: – Direitos relativos à provisão – onde são reconhecidos os direitos sociais da criança, relativamente à salvaguarda da saúde, educação, segurança social, cuidados físicos, vida familiar, recreio e cultura; – Direitos relativos à proteção – onde são identificados os direitos da

criança a ser protegida contra a discriminação, abuso físico e sexual, exploração, injustiça e conflito; – Direitos relativos à participação – onde são identificados os direitos civis e políticos, ou seja, aqueles que abarcam o direito da criança ao nome e identidade, o direito à liberdade de expressão e opinião e o direito a tomar decisões em seu proveito.

Os documentos de lei internacionais contribuíram para uma imagem da criança como sujeito de direitos e a propagação de um discurso de proteção à infância. Neste século, constrói-se a imagem de uma criança cidadã, o que requer, além da efetivação dos direitos de provisão e proteção, os direitos relativos à participação, “o que implica, para além de outros aspectos, à valorização e à aceitação da sua voz e a sua participação nos seus quotidianos, ou seja, nos diversos ‘mundos’ que a rodeiam e onde está inserida” (Soares & Tomás, 2004, p.143). É importante destacarmos que a efetivação dos direitos relativos à participação é fundamental no cenário das instituições de educação para que as crianças possam exercer a condição de sujeitos ativos nesses espaços institucionais.

O Brasil, assim como vários países do mundo, tornou-se signatário dos preceitos da Convenção, o que exigiu do Estado a elaboração de dispositivos legais de acordo com o disposto na Convenção, bem como a implementação de políticas públicas em defesa dos direitos da infância.

Apesar dos avanços legais em relação aos direitos da criança, o panorama global sobre a infância demonstra que essa categoria ainda não é prioridade na agenda governamental de muitos países, resultando na ausência de investimentos do Estado em políticas e dispositivos legais para a efetivação dos direitos das crianças. Analisando os impactos da globalização nos direitos da infância, existe um “hiato” entre os termos internacionais e a realidade local de milhões de crianças.

Diante dos efeitos da globalização, Sarmiento (2001, p.25) afirma que o movimento de construção dos direitos da infância “é uma das faces mais impressionantes da globalização contra hegemônica”. Segundo o autor, a globalização produz efeitos contraditórios e complexos na identidade contemporânea da infância, agindo sobre dois polos. No primeiro polo, registra-se a tendência reguladora dos organismos internacionais, dentre eles a ONU, Unicef, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e Organização Internacional do Trabalho (OIT) visando ao que seja “o melhor interesse da criança”, e no segundo, revelam-se os índices alarmantes quanto ao agravamento da situação mundial da infância.

Até a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o Brasil avançou, através das leis educacionais e assistencialistas, até o reconhecimento dos direitos infantjuvenis

como os conhecemos hoje a passos tímidos. O livro *Direitinho, direito* concorre para uma infância capaz de pensar sua própria condição, e de convocar a sociedade a avançar mais na direção do reconhecimento e defesa dos seus direitos.

2.4 Produção cultural, infância e literatura

2.4.1 Literatura infantil e produção editorial brasileira

O ano de 1894, quando foi realizada a primeira eleição presidencial direta no Brasil, pode também ser lembrado como o marco inicial da produção brasileira de livros para crianças. Naquele ano, Figueiredo Pimentel lança, pela Livraria Quaresma, os *Contos da Carochinha*, obra que divulga histórias de Charles Perrault, irmãos Grimm e Hans C. Andersen. A publicação de Pimentel é considerada por muitos o primeiro projeto voltado para o segmento desenvolvido no país com uma prática editorial moderna. Trata-se de uma obra dirigida para o público infantil que traz a novidade de não ser necessariamente vinculada ao contexto escolar.

Em toda reconstituição de uma história, no entanto, o início pode ser outro. É sabido que, um pouco antes da publicação dos *Contos da Carochinha*, o educador Carlos Jansen se dedicou a traduzir e adaptar clássicos europeus para o público brasileiro. Na virada do século, a produção no Brasil continuou sendo, em sua maioria, de traduções e adaptações, mas já havia uma preocupação em promover uma literatura voltada para questões nacionais e com finalidade educativa. Um dos grandes difusores dessa tendência foi Olavo Bilac, que, entre as obras voltadas para crianças, publicou *Poesias Infantis*, em 1904.

Essa literatura era eminentemente didática, e veiculava, na verdade, o sentimento que a sociedade e a família tinham em relação à função da literatura infantil. A literatura infantil começa a ser produzida na Europa no século 17, período em que a classe burguesa ascendia, e em muito serviu como veículo para as ideias burguesas e para o ensino das crianças – algo que, séculos depois, também ocorreu no Brasil.

Nos anos 1940 e 1950, o novo desafio era manter uma continuidade na produção de livros e construir um público cativo. As editoras e os escritores estavam se profissionalizando, e a produção se tornou mais intensa. Para ampliar essa produção, as editoras optaram pela solução considerada mais prática, voltando a investir em traduções e adaptações. O Brasil estava deixando de ser um país rural, porém havia os defensores

da agricultura como sustentadora da economia do país, e isso se refletiu nas muitas histórias infantis ambientadas em sítios e fazendas e, especialmente, sobre o café.

Com a decadência dessa política econômica, foi inevitável que a temática centrada no rural deixasse de ser explorada e, a partir da década de 60, as histórias ganham as cidades. A literatura infantil assume nessa época uma temática urbana e passa a valorizar elementos políticos, dando destaque à sua condição emancipadora. Escritores renomados como Mário Quintana, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector se interessam por escrever para o público infantil, e, na década seguinte, despontam outros grandes nomes, como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha.

Atualmente, literatura infantil tem encontrado formas de dialogar com os novos suportes. Já se realiza associação com outras mídias de comunicação de massa, como o cinema e o *game*, e tem se adaptado à produção digital – o uso de *QR codes* tem sido frequente nos livros infantis por exemplo.

Considera-se literatura infantil toda publicação voltada especificamente para determinada faixa etária, compreendida entre 3 e 12 anos, podendo ter fins lúdicos e educativos. No quadro abaixo pode ser observada a classificação quanto à idade.

Quadro 1 – A idade infantil

Faixa etária	Principais desenvolvimentos
Primeira infância (nascimento até 3 anos)	Todos os sentidos funcionam no nascimento; Crescimento físico e desenvolvimento das habilidades motoras são rápidas; Capacidade de aprender e lembrar está presente, até mesmo nas primeiras semanas de vida; Compreensão e fala se desenvolvem rapidamente. Autoconsciência se desenvolve no segundo ano; Apego aos pais e a outros se forma aproximadamente no final do primeiro ano de vida; Interesse por outras crianças aumenta.
Segunda infância (3 a 6 anos)	Força e habilidades motoras simples e complexas aumentam; Comportamento é predominantemente egocêntrico, mas a compreensão da perspectiva dos outros aumenta; Imaturidade cognitiva leva a muitas ideias ilógicas acerca do mundo; Brincar, criatividade e imaginação tornam-se mais elaboradas;

	Independência, autocontrole e cuidado próprio aumentam; Família ainda é o núcleo da vida, embora outras crianças comecem a se tornar importantes.
Terceira infância (6 a 12 anos)	Crescimento físico diminui; Força e habilidades físicas se aperfeiçoam; Egocentrismo diminui; Crianças passam a pensar com lógica, embora predominantemente concreta; Memória e habilidades de linguagem aumentam; Ganhos cognitivos melhoram a capacidade de tirar proveito da educação formal; Autoimagem se desenvolve, afetando a autoestima; Amigos assumem importância fundamental.

Fonte: Papalia e Olds (2000, p. 27).

Segundo a quarta edição da pesquisa Retrato da Leitura no Brasil (2016), o país passou de 50%, da pesquisa feita em 2011, para 56%, em 2015, sendo que 15% desses leitores têm a preferência por livros infantis.

Falando da importância da ilustração na literatura infantil, aquela teve a sua primeira aparição em 1580, com o livro *Kunst and Lehrbüclein*, sendo direcionado especificamente para o público infantil. As ilustrações servem como uma forma de auxiliar a imaginação das crianças. Elas acompanham as palavras do texto e, com isso, enriquecem a leitura. Segundo Pereira (2008, p. 12), “o livro ilustrado é um tipo singular de publicação, que coloca lado a lado não apenas dois meios distintos, um verbal e outro visual, mas dois tipos de linguagem que diferem entre si enquanto realizações estéticas”.

O ilustrador tem o importante papel de traduzir o texto em imagem, agregar valor ao texto e de escolher, a partir de sua interação com o autor do texto, como irá criar cada ilustração. As próprias palavras podem ser elementos visuais, quando são tratadas como textos visuais, podendo assumir tamanhos, formas e cores diferentes com o propósito de passar uma mensagem. O livro infantil ilustrado tem uma importância muito grande na vida das crianças, pois além de ser o primeiro contato delas com a literatura, é o primeiro contato com a arte visual impressa.

2.5 A criança autora

Serena Silva Nascimento (Serena Céu), 10, é soteropolitana, estudante de escola pública que foi alfabetizada aos 6 anos. Transita entre escolas da rede pública e privada, no interior da Bahia e capital, desde a educação infantil. Possui notória intimidade com a escrita em português e realiza leitura de nível básico em francês. Pratica ginástica rítmica (GR), na categoria infantil, e é a primogênita de uma família de origem popular formada por mãe produtora cultural e educadora, pai agente de saúde e designer e dois irmãos biológicos menores.



Fig. 2 - Retrato da autora (Fonte: arquivo pessoal)

Interessou-se pela temática dos direitos infantojuvenis à medida em que descobria os livros e avançava em diálogos de negociação familiar cotidianos. Expressou pela primeira vez a vontade de escrever sobre seus próprios direitos aos 7 anos, quando começou a ter acesso monitorado pelos pais aos vlog's protagonizados por crianças na internet. Por ocasião desse contato, seus responsáveis sempre lhe chamavam atenção para que pensasse sobre os conteúdos ali veiculados, sobre a origem daquelas produções, sobre o perfil étnico e social das celebridades mirins e sobre o que sentia falta em termos de variedade temática. Foi questionada por diversas vezes pelos seus pais: “Criança só fala sobre compras, presentes, festas de natal e ‘trolagens’?” E por muitas vezes foi pressionada a

buscar outros conteúdos para garantir um acesso mais plural e qualificado a produtos de mídia, sob pena de ter seu direito a ‘navegar’ na internet restringido a quase nenhum. O resultado não foi animador: Serena não encontrava esses tais outros conteúdos, por mais dedicada a encontrar que estivesse.

Diante desse cenário de educação familiar, onde os livros sempre estiveram entre as principais ofertas de lazer e recompensa e onde quase todas as situações, dentro e fora de casa, eram alvo de extensas análises críticas por seus parentes, a autora manifestou o desejo de escrever sobre seus direitos e sobre sua condição de criança. Cabe um registro de diálogo com sua mãe, em momento de conflito doméstico, setembro de 2016:

_ Serena, que está fazendo? Tá tentando me irritar? Já disse pra apagar a luz e ir dormir.

_ Eu tô lendo. Só isso! _ Responde a autora, enquanto fecha o livro *Pipistrelo das Cores*, de Zélia Gattai, guardando-o embaixo do travesseiro.

_ Já passou da hora de parar. Já falei várias vezes. Tô acabada de cansaço e morrendo de vontade de bater em você! Mas eu prometi que vou respeitar sua integridade física. Você é uma menina que já sabe se comunicar, não posso chegar a isso. Mas tô morrendo de vontade...

_ É o quê isso aí? _ Indagou, confusa, Serena.

_ O diabo do direito!

Serena, voltando a abrir o livro antes escondido:

_ É bom ter direito, né!? Vou falar pra todo mundo que é bom assim.

Foi a partir de diálogos similares ao supracitado que Serena Céu, a autora, começou a pensar e organizar uma narrativa acerca dos direitos da criança, a princípio focada no Estatuto da Criança e do Adolescente, criado em 1990, no Brasil. Mas não demorou a interessar-se por saber como as crianças de todo mundo são tratadas; e logo o foco de sua narrativa redirecionou-se para a Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Essa lei internacional é o instrumento de direitos humanos mais aceito na história universal. Foi ratificado por 196 países. Somente os Estados Unidos não ratificaram a Convenção, mas sinalizaram sua intenção de ratificar ao assinar formalmente o documento.

Durante o processo de produção do livro, Serena se mostrou completamente engajada no projeto e já sinaliza interesse de publicar outros livros de aprofundamento na temática do *Direitinho, Direitão*.

2.6 Mercado editorial e novas tendências

No mercado e mediação editorial, a produção do livro atravessa uma cadeia de etapas, desde a sua concepção até ganhar forma na concretude da mídia impressa. O sentido do futuro livro criado ou detectado pelo editor materializa-se nas mãos dos criadores do livro infantil: escritor, ilustrador e designer. O editor, apesar de não ser um criador, interfere e influencia decisivamente no processo criativo, o que determina resultados visíveis. O editor é responsável por gerir uma equipe de profissionais que cobrem etapas como redação, revisão, ilustração, *layout* e diagramação do miolo e da capa, produção gráfica, impressão, divulgação e venda – consequentemente possui um controle da produção e do destino do livro muito maior do que qualquer outro membro da equipe. No caso deste projeto, a mãe da autora desempenha essa função e a sua participação é de vital importância para a realização e o resultado final do livro.

No entanto, uma das questões colocadas, aqui para reflexão, é justamente a relevância da participação da criança na produção editorial; ou seja, como essas identidades - editora, mãe, autor, ilustrador, designer - conseguem dar suas contribuições deslocando-se de uma posição de sujeito para outra, em momentos distintos da produção, em um esforço para atender aos mesmos princípios, denominados norteadores, tendo em vista um produto comum final. Sabendo que a constituição identitária é um processo que se dá mediado pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura; sendo que o sujeito vai se constituindo à medida que internaliza valores e significados que permeiam o social. Hall (2006, p.12) salienta que

“A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas.”

O processo de nascimento da literatura infantil origina-se primeiramente de uma tradição oral, que em seguida foi incorporada ao suporte impresso, na forma de texto, e posteriormente recebeu acréscimo de ilustrações no texto e no livro. Apesar da crescente presença da ilustração, e da importância que o design vem ganhando nas produções atuais, o processo de produção de livros infantis se dá, quase sempre, a partir do texto. As editoras e, conseqüentemente, o mercado editorial como um todo, assimilam a noção de que o livro se compõe do texto, da idéia e da estrutura da história. Segundo essa noção, o autor é o escritor.

Diante da experiência em *Direitinho, Direitão*, podemos dizer que a autoria se realizou de forma mais complexa, nas entranhas do processo editorial, e não só na escrita do texto. Realizava-se quando Serena Céu rejeitava uma paleta de cores sugerida pela designer; ou quando deliberadamente alterava o cronograma de execução exposto na parede da sala de sua casa, porque entendia que precisava de mais tempo para identificar as imagens de referência para as ilustrações. Esse tipo de participação se tornou mais viável por conta do acúmulo de função mãe - produtora editorial, e exigiu maior disciplina na relação profissional e parietal. Especialmente, porque a temática do livro trata de direitos da criança e forçou uma atenção maior sobre os direitos de participação da criança-autora, referindo-se a uma das categorias de direitos da Convenção dos Direitos da Criança.

Com o surgimento de novas tecnologias como *tablets, smart phones, notebook* e o acesso cada vez mais facilitado ao entretenimento por meio da internet, a possibilidade de queda na venda dos livros era assustadora. Por um bom tempo se dizia que os livros seriam extintos, assim como a fita cassete. Mas ao contrário do que se imaginava, o mercado de livros infantojuvenis continua crescendo, prevalecendo o livro impresso, que convive com as novas possibilidades e suportes.

De acordo com a secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Elizabeth Serra: “O livro em papel ocupa mais espaço do que antes com o leitor juvenil, por incrível que pareça. É um período em que a mídia eletrônica se fortaleceu, mas os livros para crianças aumentaram muito mais e os autores se multiplicaram” (PLATONOW, 2013).

A evolução da tecnologia pode agregar valor aos livros, ao invés de tomar o seu espaço, e é isso que as editoras estão acrescentando aos livros para que tenham um diferencial e chamem a atenção dos leitores amantes de tecnologia. Para Lins (2004, p. 36, grifo do autor): “O livro, como produto de comunicação de uma sociedade plural, encontra diversas formas e suportes para se expressar. O tempo do livrinho

exclusivamente bonitinho, bem desenhadinho e bem escritinho já era”. Os livros hoje podem ter som, podem virar jogos, ter esculturas feitas com a própria página, apresentar uma versão em animação e muitas outras ideias inovadoras que estão surgindo no mercado. O diferencial pode estar tanto no formato do livro quanto na história em si – o objetivo primordial é sempre contar uma história.

É tendência também no nicho de literatura infantil abordar assuntos da atualidade como: feminismo, gênero, racismo, *bullying*, contando histórias de maneira natural e divertida. *Direitinho, Direitão* surge em um ambiente de mercado que dialoga com uma criança mais engajada midiaticamente e interessada em compartilhar seus aprendizados e produções criativas. Curiosamente, esse mesmo mercado não apresenta uma diversidade de perfis entre as crianças autoras que nele estão inseridas. O perfil em voga é facilmente delineado: majoritariamente ocupado por meninas, brancas, entre 8 e 12 anos, da classe média alta brasileira, celebridades constituídas no âmbito das redes sociais e dos canais de distribuição de vídeos, como o Youtube. O mercado de literatura infantojuvenil têm apostado nas produções dessas crianças, que versam quase que exclusivamente sobre suas vidas íntimas e compartilham entre si um vocabulário próprio da juventude internauta.

Nas prateleiras das livrarias, a temática dos direitos, raramente tratada por produções literárias infantojuvenis de forma direta, é abordada de forma lúdica, poética e fantasiosa - partindo da subjetividade das emoções da criança leitora. *Direitinho, Direitão*, não se constitui como o outro extremo dessa abordagem, porém propõe a abordagem da temática a partir do contato da criança-autora com um instrumento de lei, compreendido não apenas pela leitura de artigos e incisos, mas principalmente pela autopercepção e observação das situações cotidianas pela autora, em um movimento polifônico e fragmentado de construção identitária.

3. Desenvolvimento do projeto

Neste capítulo, denominado de “Desenvolvimento do projeto”, será descrito o processo de produção do livro infantil *Direitinho, Direitão* seguindo as metodologias do Design Thinking e do PMC adaptado para este projeto, juntamente com as etapas apresentadas por Guto Lins (2004), como foi visto na primeira seção deste trabalho.

3.1 Imersão

De acordo com o Design Thinking, a primeira fase para o desenvolvimento de um projeto é chamada de “processo de imersão” e é dividida em duas etapas: preliminar e em profundidade. A fase chamada de preliminar tem como objetivo o entendimento inicial do problema e de todas as questões que tenham relação com o tema do projeto. A segunda fase tem como intuito a delimitação de necessidades e oportunidades que darão parâmetros para as soluções projetuais na fase de ideação.

Essa etapa do projeto editorial iniciou-se com a leitura de artigos sobre direitos infantojuvenis e dos textos já produzidos pela autora. A partir daí, a coordenação editorial identificou a necessidade de novas produções textuais, visando aproximar a publicação – nos termos do formato estrutural – de outros livros indicados pela autora como preferidos. O que nos levou à imersão em profundidade, quando foram relacionados conteúdos que seriam agregados ao material produzido e gerariam seções específicas no livro, a exemplo da seção ‘*Quero entender o que é*’ - em que expressões utilizadas pela autora em seus textos são traduzidas por ela mesma, em outros termos, com o intuito de tornar a experiência do leitor mais rica em informações. Também decidiu-se pela criação de páginas destacáveis, com o intuito de possibilitar à cada criança leitora diálogo intrapessoal e com os que lhes são próximos sobre os direitos infantojuvenis.

3.1.2 Pesquisa Desk

A partir de uma coleta de dados em sites da internet, artigos e livros, seguida da leitura da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, foi feito um estudo mais aprofundado dos temas que estão envolvidos no projeto. Buscou-se entender a visão histórica sobre o que é infância, o surgimento e a evolução dos direitos infantojuvenis e sua abordagem pela literatura, além de pesquisas e estudos sobre o mercado de literatura infantil e sua relação com a indústria cultural. Esse estudo foi abordado em capítulo anterior, denominado de ‘Produção cultural, infância e literatura’.

O principal desafio nessa etapa foi encontrar conteúdos acessíveis à autora. Alguns sites e publicações digitais possuem linguagem mais coloquial, o que facilitou algum entendimento pela autora. Parece até tentarem se aproximar da criança como público leitor. Porém, como confirmado na etapa posterior de análise de similares, pouca informação foi possível oferecer à Serena Céu que não exigisse uma explicação didática

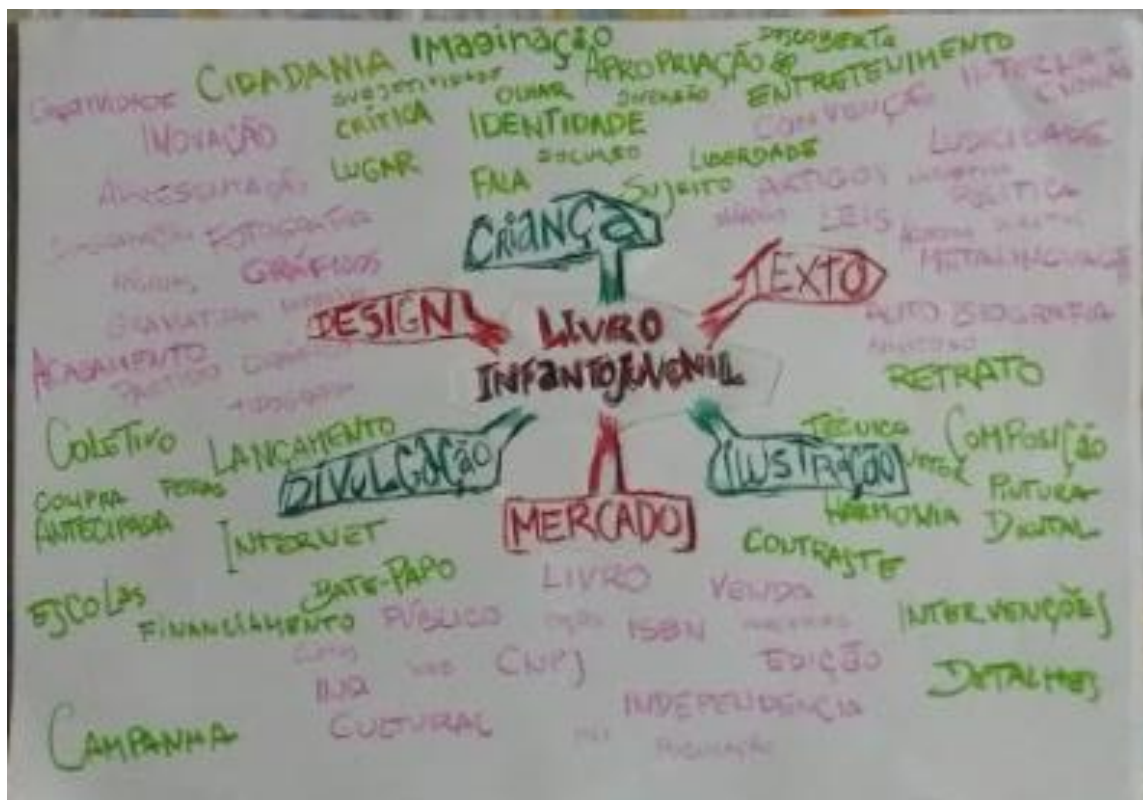
sobre o que se expunha nessas publicações, comumente direcionadas exclusivamente para adultos. É o caso do site do CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e da UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

O que parecia, de antemão, ser uma etapa simples de concluir, passou a configurar uma problemática para a produção editorial: estaríamos, autora e equipe de produção, diante de uma produção realmente inédita no que se refere à temática? E sendo assim, que referências tomar para garantir alguma conexão com o mercado editorial?

3.1.3 Mapa mental

Como estratégia de sistematizar as informações e ideias decorrentes da fase de pesquisa desk, foi criado um mapa mental. Essa ferramenta faz com que o elemento principal, no caso, o livro infantil, posicionado no centro, dê origem a várias outras ramificações. Essas ramificações servem para fortalecer as subcategorias com palavras-chave, assim se obtém o entendimento dos fatores que estão envolvidos no universo do livro infantil. Conforme Lupton (2013), o mapa mental é uma forma de pesquisa que permite uma exploração até as raízes do problema.

Fig.3 - **Mapa mental** (Elaborado pela autora e coordenadora editorial)

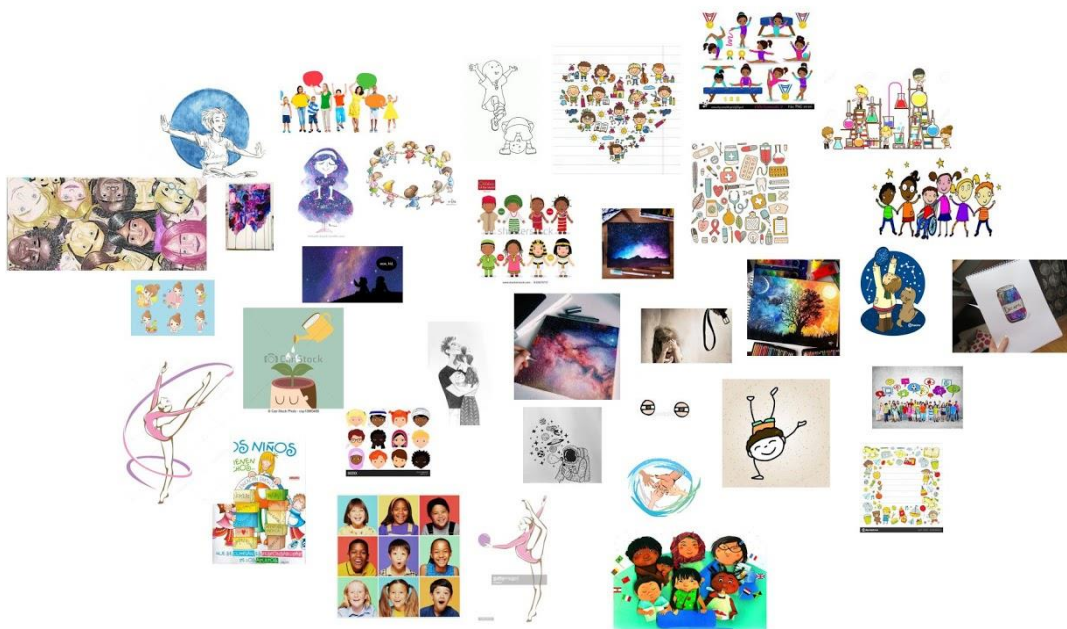


3.1.3 Painel semântico

A técnica de construção do painel semântico auxilia na compreensão de palavras e ideias, traduzidas em imagens. Essa ferramenta, além de facilitar o entendimento, tem a função também de inspirar e estimular a criatividade. Para a construção de um painel semântico é preciso coletar imagens e reuni-las de acordo com o propósito do projeto. O painel pode conter imagens de pessoas, cenários, objetos ou até mesmo tipografia, cor, textura. Dessa forma, se constrói um quadro de imagens que irão inspirar e conduzir o desenvolvimento do projeto.

Essa produção pode ser manual, utilizando-se de colagens, ilustrações e elementos visuais referentes ao projeto ou, como é o caso deste projeto, digitalmente. Dessa forma, pode-se utilizar softwares ou sites que agrupam fotos e montam painéis como, por exemplo, o “pinterest.com”, plataforma muito utilizada para a criação de painéis semânticos. Nas figuras a seguir, pode-se visualizar imagens referentes ao painel construído para este projeto.

Fig. 4 - Painel semântico



Elaborado pela autora e coordenadora editorial

3.1.4 Princípios norteadores

Essa etapa consiste em definir os conceitos elementares para o desenvolvimento do projeto. Essa escolha é realizada a partir da análise dos dados, da justificativa e objetivo. Após essa análise, definiu-se para este projeto os seguintes princípios norteadores:

- a. primar pela ampla participação da autora na produção do livro;
- b. abordar de forma lúdica e autêntica a temática dos direitos infantojuvenis, promovendo o debate sobre o tema através das estratégias editoriais;
- c. ofertar ao mercado editorial uma publicação que indique lugares de fala e outras possíveis representações da criança enquanto sujeito político e de direitos.

3.1.5 Análise de similares

Nessa etapa do processo, algumas obras foram escolhidas pela autora, em grandes livrarias de Salvador, e analisadas. As obras devem se enquadrar no gênero de livro infantil cuja narrativa seja de crianças autoras, publicadas recentemente (há no máximo cinco anos) e que a autora Serena Céu se identifique com o projeto gráfico. Não foi possível analisar obras similares em relação ao conteúdo, pois ainda não foram publicados livros infantis escritos por crianças com a temática semelhante ao livro deste projeto.

No entanto, é importante registrar as três publicações de autores adultos, duas de relevância no mercado de literatura infantojuvenil brasileiro, que abordam a temática. Temos o exemplo da revista ‘Turma da Mônica em: Estatuto da Criança e do Adolescente’, produzida pelos Estúdios Mauricio de Sousa, em 1993, e reeditada algumas vezes ao longo dos anos para atender ações pontuais de divulgação da lei. Com tiragem inicial de 26 milhões de exemplares, em parceria com o Ministério da Educação, o gibi foi produzido em tiragens bem menores posteriormente e soma-se a apenas mais uma produção do ramo editorial, no Brasil, com conteúdo direcionado à temática de direitos infanto-juvenis, o livro ‘A criança e seus direitos’, do autor Eustaquio Rodrigues, publicado em 1999, pela Editora Compor - sobre o qual só foi possível conhecer a capa e a autoria por meio de um site de vendas de livros, no qual não havia exemplares deste livro disponíveis. Ainda há a publicação que mais se aproxima da proposta do *Direitinho, Direito*: em 1986, com ilustrações e coautoria de Otavio Roth, a escritora brasileira Ruth Rocha lançou o texto adaptado da ‘Declaração Universal dos Direitos Humanos’, para

que crianças pudessem entender a trajetória que levou à assinatura da carta, logo após a Segunda Guerra Mundial. A publicação já está na 11ª edição.

Antes de apresentar os livros infantojuvenis analisados, apontamos o material que se constitui como principal referência em termos de conteúdo e projeto gráfico para o livro *Direitinho, Direitão*. Trata-se do jogo de cartas francês ‘*Droits Devant! Convention Internationale des Droits de L’Enfant*’, com o qual a autora brincou e trabalhou por todo o percurso dessa produção editorial. O jogo de perguntas e respostas a respeito da Convenção é ilustrado por diferentes profissionais franceses e traz um vasto repertório de informações sobre sete artigos da lei. Cada carta do jogo aborda um aspecto do artigo em discussão. Serena Céu montou um esquema de cartas por direito abordado no seu livro, selecionando as questões com as quais mais se identificava para aprofundar em sua narrativa literária. Abaixo, imagens do quadro de ideias da autora, a partir do jogo.

Fig. 5 - Esquema de artigos por capítulo do livro

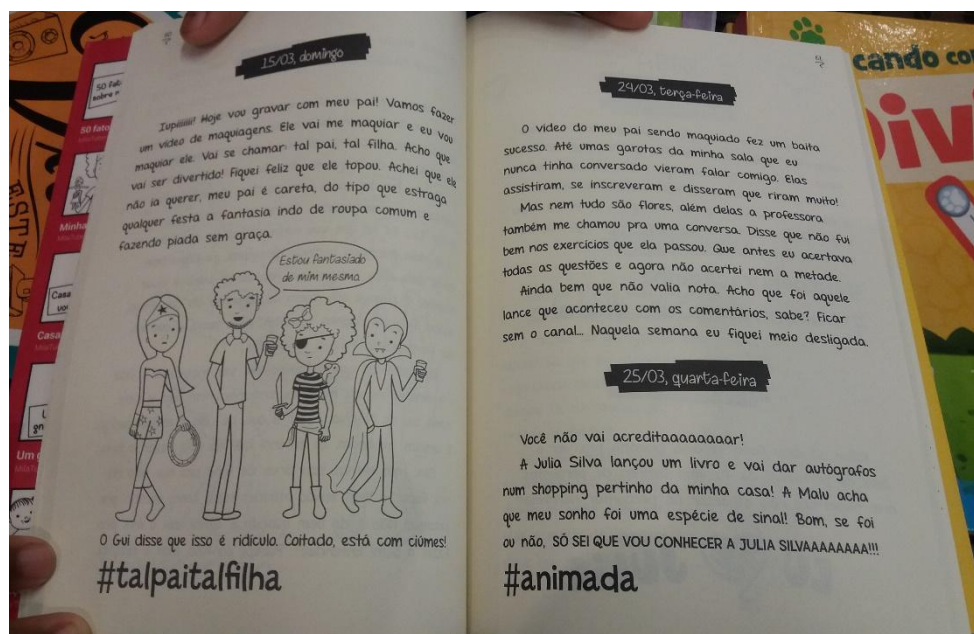
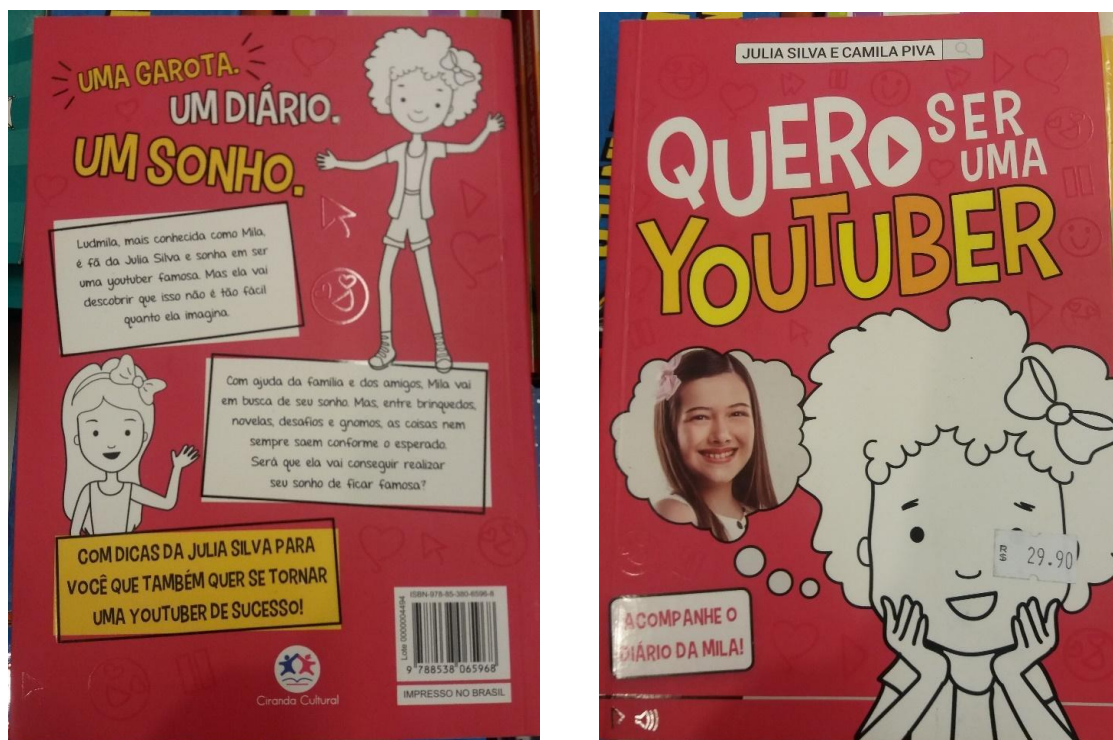


(Elaborado pela criança autora - arquivo pessoal)

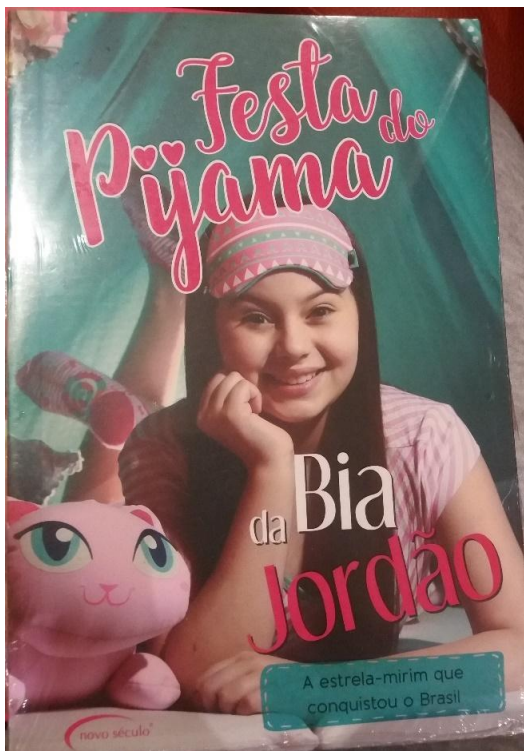
A análise de similares realizada neste projeto tem o intuito de verificar a relação texto-imagem, organização dos elementos na diagramação, ilustrações, formato, tipo de papel e informações complementares das obras selecionadas. De uma forma geral, as publicações seguem o mesmo formato quanto ao conteúdo e ao projeto gráfico: possuem caráter biográfico e narram o cotidiano e experiências midiáticas de crianças celebridades do Youtube. Tamanhos muito próximos, coloridos, ilustrados e com muitas fotos das

youtubers-autoras (arquivo pessoal e fotos promocionais). Também disponibilizam outros conteúdos em vídeo através de *QR codes* impressos em algumas páginas. As publicações são:

Figuras 6 (capa), 7 (contracapa) e 8 (páginas internas) – **Quero ser uma youtuber**, escrito pelas crianças Julia Silva e Camila Piva



Figuras 9 (capa), 10 (contracapa) e 11 (páginas internas) – **Festa do Pijama**, escrito pela criança Bia Jordão



- Figuras 12 (capa), 13 (contracapa), 14 e 15 (páginas internas) – **Segredos da Bel para meninas**, escrito pela criança Bel e pela mãe Fran



- Figuras 16 (capa), 17 e 18 (páginas internas) – Revista **A Turma da Mônica em: o Estatuto da Criança e do Adolescente**, escrito por Maurício de Souza, versão digital



3.2 Ideação

Na fase de ideação, deve-se propor ideias inovadoras, estimular a criatividade e encontrar soluções para as questões relacionadas ao projeto. Nesse capítulo, será apresentado todo o processo que envolve desde a criação da história até a finalização do produto, assim como o desenvolvimento das ilustrações e do projeto gráfico, justificando e detalhando todas as escolhas realizadas para a construção do livro.

3.2.1 Criação da narrativa

Como já sinalizado na apresentação da autora, a narrativa do *Direitinho, Direitão* surge de um desejo pessoal da criança Serena Céu de expressar o que entende por direitos. A fase de letramento foi intensa para a autora. O hábito da leitura sempre foi muito presente em seu cotidiano e o acesso aos livros, infantis ou não, sempre foi facilitado. A relação com a leitura é tão íntima que ir às livrarias com os irmãos menores e acompanhada dos pais passou a ser programa de lazer familiar rotineiro.

É no contexto de iniciação no mundo da internet e dos vlogs infantis, aos 7 anos, que Serena desperta para a possibilidade da produção e compartilhamento de conteúdos. Seu primeiro intento foi a criação de um vlog no Youtube, onde, entre outros temas, falava de literatura infantil e sobre o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Neste ponto inicia-se, efetivamente, a construção da narrativa para o livro. Realizando a tarefa de listar temas e relacionar os roteiros que esboçava para o vlog, surge o escopo do texto autobiográfico e opinativo da autora.

Para a defesa deste projeto concorreu o histórico de militância política da mãe produtora cultural e profissional atuante no Terceiro Setor há 15 anos. Diante da expectativa da filha por expressar suas opiniões e contar histórias, a produtora editorial deste projeto se engajou nele desde o primeiro sinal de interesse por parte da autora, e coube à mãe produtora provar que a ideia era exequível. Com um currículo extenso relacionado à defesa e promoção dos direitos infantojuvenis, especificamente no que se refere aos direitos de participação, a produtora do *Direitinho, Direitão* manteve, por anos, projetos próprios de formação política para crianças e adolescentes, em Salvador e no interior da Bahia, destacando-se entre eles o extinto Observatório de Promoção da Cidadania Infantojuvenil (2011 - 2013, Recôncavo).

Dessa forma, o livro resultado desta produção contém as falas de uma criança ‘xereta’, como a autora se autodenomina, curiosa e brincante - falas essas re-elaboradas desde seu letramento até o momento desta produção, e também as posturas de uma mãe comunicóloga com histórico de participação política intenso e, em parte, determinante dos seus modos de atuação profissional e familiar.

Algumas decisões sobre o texto foram tomadas, a princípio: a autora se referiria às crianças leitoras como ‘xeretas’, simplesmente porque é uma palavra comumente usada por ela no cotidiano - no sentido de criança curiosa - e sem a preocupação de cuidar para que a expressão de tratamento com seu leitor fosse previamente conhecida, embora

acredita-se que seja. A utilização desse termo também resolve, em boa parte da narrativa, o tratamento com diferenciação de gênero. Meninos e meninas podem ser interpelados dessa forma. Também optou-se pela não inserção dos artigos da Convenção abordados na íntegra, nem no apêndice. Uma tentativa de tornar o livro mais “leve”. Entendeu-se que a sinalização do número do artigo nos títulos dos capítulos bastaria para sinalizar à que parte da Convenção aquele trecho se refere.

Há ainda uma problemática implicada na narrativa da autora: o caráter de denúncia. Seria equivocado na edição de textos, que a coordenação editorial optasse pela exclusão de trechos em que Serena demonstra insatisfação com sua condição de criança submetida ao pátrio poder; ou em que simplesmente aponta incoerências ou imaturidade nas atitudes dos adultos.

“Meus pais já se separaram mais de uma vez. Havia brigas e por vezes minha mãe abusava da paciência do meu pai; depois meu pai abusava da paciência da minha mãe. Eram mais chatos do que eu e meus irmãos brigando!”

(CÉU, 2018)

Esse tipo de fala se repete algumas vezes em seu texto e confronta a posição de hierarquia da mãe produtora. A posição de autora lhe conferiu esse poder. No entanto, a exposição da vulnerabilidade das relações familiares faz com que a mãe produtora se esforce para calcular, tentando atingir o máximo de precisão, o que lhe é interessante publicar não só da perspectiva da coordenação editorial, mas do lugar de mãe questionada e/ou criticada por suas atitudes.

A cada artigo da Convenção abordado por Serena Céu, há uma história pessoal vinculada que, para a autora, ilustra bem o exercício do direito no foco de cada capítulo da sua narrativa. A edição dos textos, o descarte de algumas histórias, a quantidade limitada de artigos selecionados para abordagem no livro, a definição da ordem dos capítulos, assim como as estratégias editoriais adotadas com o fim de ampliar a interação da criança leitora com o suporte, foram decisões tomadas em conjunto; em um esforço de chegar a soluções que tornassem o livro autêntico, do ponto de vista da autoria, mas também viável para o mercado editorial.

Ajustar o passo entre o tempo criativo da criança autora e o tempo do cronograma de execução do projeto foi, até a fase de finalização do livro, um desafio muito grande.

Inúmeras vezes a autora revisitou e modificou seu texto. Até porque sua escrita provocou-lhe uma infinidade de novas questões acerca de sua condição de criança e de cidadã. De forma que as etapas posteriores referentes à proteção da propriedade intelectual e ao pedido de ISBN não foram cumpridas no prazo planejado. Esse descompasso impactou também no sucesso da campanha de financiamento coletivo, pois esta dependia de uma série de outras definições para ser promovida. Por exemplo, as duas principais cotas de financiamento necessitavam de uma sensibilização mais próxima junto aos potenciais financiadores, o que exigiria o texto completo do livro em mãos para análise. No entanto, foi escolhida a produção editorial primar pela criação, nos modos e tempo de narrar elencados pela criança autora.

3.2.2 Decupagem do texto

Mediante a extensa fase de criação, a decupagem do texto também se fez tardia. A partir de leitura coletiva crítica do texto, pela equipe de produção, decidiu-se pela distribuição dos textos por página de forma que a leitura fosse mais fragmentada, tendo em vista que os textos produzidos por Serena são relativamente extensos se comparados com os livros infantojuvenis usados como referência para a produção do *Direitinho*, *Direitão*. A decupagem também norteia a criação das ilustrações e definição das imagens que irão compor o projeto gráfico. Para tanto, a decupagem seguiu a divisão de capítulos do livro.

Essa etapa é muito importante, pois é quando se começa a visualizar o projeto, além de definir a dinâmica e o ritmo do livro. Lins (2004) diz que nessa fase o texto deve ser encarado profissionalmente, “decupando-o” e criando relações com possíveis imagens. O quadro a seguir exemplifica a decupagem do texto:

Quadro 2 - Decupagem do texto

Capítulo	Trecho	Ilustração
Direito a existir	Quanto mais eu descobro coisas sobre mim, mas eu tenho certeza de que existo, de que sou alguém. Eu sei que existo porque tenho um corpo, porque tenho ideias e pensamentos, rio,	

	<p>choro, grito, por causa dos meus documentos - onde tem meu nome e os nomes dos meus pais e avós, porque tenho parentes e conheço um monte de gente diferente de mim. Eu tenho identidade. Como eu poderia saber disso tudo se eu não fosse alguém?</p>	<p>Menina flutuando sobre um tapete mágico.</p>
	<p>Pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança, a gente é criança até os 18 anos. Mas aqui no Brasil é diferente. Pela lei, nós somos crianças só até os 12 anos.</p> <p>É importante a gente aproveitar a infância, porque desde o nascimento muitas coisas acontecem na nossa vida; como quando nossos pais escolhem nossos nomes, aprendemos a andar, a falar, conhecemos nossa família e tantas outras coisas especiais. Até os 18 somos adolescentes, o nosso corpo passará por muitas mudanças e vamos começar a ter curiosidade pelas coisas do mundo adulto. E assim, de repente, viramos gente grande.</p>	<p>Fotografia de Serena se imaginando como gente grande.</p>
	<p>Algumas crianças não têm direito a existir como cidadãs porque não tiveram a oportunidade de serem registradas (ou seja, ter documentos), nos casos em que os pais decidem não ficar com a criança e a entregam para adoção ou até as abandonam nas ruas. Tem também as crianças que nascem em lugares muito pobres ou no meio de guerras, e nesses lugares as pessoas estão mais preocupadas com outras coisas. Uma criança que não tem certidão de nascimento, nem um</p>	<p>Menina triste, perdida.</p>

	<p>nome, não existe como cidadã. Sem um nome e sem documentos de identificação (aqueles que dizem quem você é) a criança não pode ser atendida em hospitais, por exemplo e também não vai poder ir à escola, porque precisa de documentos para se matricular.</p>	
	<p>O direito a existir não vai garantir que toda criança seja bem cuidada. Para isso as leis precisam ser conhecidas e as pessoas precisam entender e obedecer essas leis. A falta de obediência às leis é um grande problema no Brasil, porque quanto mais as pessoas não conhecem a lei mais desobedecem, e a educação ruim do nosso país não ajuda. Esse é um assunto meio difícil de entender. Então, por enquanto, vamos só nos apresentar, está bem?</p>	<p>Fotografia de Serena na chuva (ilustrada), cena em que se vê um guarda-chuva jogado ao chão no qual se lê “LEIS”</p>
	<p>Oi, eu sou Serena e todo mundo me chama de Céu. Sou xereta, tenho cabelo enroladinho e adoro escrever! Quem é você? Siga meu Instagram @ceuserena e dá um oi ‘pra’ mim! Vou adorar te conhecer melhor.</p>	<p>Página destacável, com quadro em branco e moldura ilustrada, para preenchimento pela criança leitora.</p>
	<p>QUERO ENTENDER O QUE É... Identidade _ quem você é Documentos _ papéis que provam que você existe Infância _ tempo em que a gente é criança Lei _ é um combinado sobre o que as pessoas podem fazer ou não</p>	

	<p>Curiosidade _ ser xereta</p> <p>Adulto _ pessoas com mais de 18 anos que pagam contas</p> <p>Cidadãs _ gente que têm direitos, como eu e você</p> <p>Oportunidade _ aquela hora que você pode fazer algo que não poderia em outra hora</p>	<p>Página com ilustrações que simulam ‘emojis’ e com a palavra ‘xereta’ escrita em diferentes tipografias</p>
<p>SERENA CÉU</p>	<p>Morando há quatro meses na barriga da minha mãe, aconteceu algo de muito importante na minha vida: eu visitei meu pai e contei para ele qual era o meu nome. Isso mesmo! Você entendeu certinho. Esperei ele pegar no sono e invadi o sonho dele. Eu brincava de esconde-esconde e dizia:</p> <p>_ Meu nome é Serena!</p> <p>Ele acordou e deu um sustão na minha mãe barriguda.</p> <p>_ É uma menina! Ela me disse que o nome dela é Serena.</p> <p>_ Mas eu nem fiz o exame para saber se é menino ou menina ainda. E se for menina, o nome será Luna. Foi só um sonho!</p> <p>_ Não foi, não. Tenho certeza que era o bebê que está aí dentro da sua barriga. Certeza!</p> <p>_ Tá bom, então. _ Disse minha mãe, fechando os olhos para dormir de novo.</p>	<p>Cena em que se vê fotografia de Serena acenando por trás da imagem ilustrada do seu pai, assustado e feliz.</p>
	<p>Um tempo depois um exame médico revelou que eu era mesmo uma menina. Mas antes disso meu pai já espalhava ‘pra’ Deus e o</p>	

	<p>mundo que meu nome era Serena. Minha mãe reclamava:</p> <p>_ Se for menino, deve estar em crise de identidade!</p> <p>Eu nasci meses mais tarde e finalmente decidiram:</p> <p>_ O nome é Serena.</p> <p>Nos preparativos para minha festinha de um ano, alguém revelou:</p> <p>_ O dia que <i>Luna</i> nasceu é o dia do réveillon do calendário lunar.</p> <p>Espantados, meus pais corrigiram:</p> <p>_ Não é <i>Luna</i>, é Serena.</p> <p>_ Mas é o mesmo nome: Serena vem de <i>Selene</i>, uma deusa mitológica que representa a lua, ou seja, a própria luna!</p> <p>Esse, sem dúvida, tinha que ser meu nome. Eu costumo ser calminha, calminha. Assim que cheguei da maternidade nos braços da minha mãe, minha vó Jô disse: “Você é meu céu, pequena” E assim, eu me tornei Céu também.</p>	<p>Fotografia de Serena em posição de meditação.</p>
--	---	--

3.2.3 Ilustrações

As ilustrações foram criadas seguindo a lógica dos capítulos e a partir de imagens de referências escolhidas pela autora, na fase de pesquisa *desk*. As imagens de referência foram agrupadas em aproximação por temática de direito e a partir delas os primeiros esboços foram produzidos.

Sendo a autora uma criança que interessa-se por design e possuindo um arquivo de desenhos próprios produzidos nos últimos 5 anos, em seus momentos de lazer doméstico, foi realizada uma triagem dos desenhos que poderiam dialogar com o texto do livro. Depois disso, e de acordo com a decupagem do texto, o ilustrador produziu os primeiros

sketches. Os *sketches* foram criados a lápis, depois fotografados e transferidos para o computador.

Toda a parte de renderização e colorização depende ainda de financiamento, questão que se relaciona diretamente com a campanha *crowdfunding*, parte integrante da etapa de desenvolvimento do projeto, na qual parte significativa dos recursos a serem captados direciona-se ao tratamento de imagens e projeto gráfico. Os primeiros *sketches* criados constam do ‘Apêndice B’ deste memorial.

3.2.4 Projeto gráfico

Nesta seção são apontados os conceitos que auxiliaram na formatação do livro impresso. Cada decisão tomada que implica na configuração do projeto gráfico inscreve, no suporte do livro, as diversas discursividades implicadas em seu processo de produção: a paleta de cores escolhida com a intenção de tornar o livro mais atraente aos olhos de meninos e meninas; o tamanho padrão médio adotado na perspectiva de aproximá-lo dos similares infantojuvenis, escritos por crianças autoras, disponíveis nas prateleiras das livrarias; a inserção frequente de fotografias da autora, como forma de potencializar sua (auto)imagem frente ao mercado editorial; o tamanho de fonte e tipografia mais compatíveis com a criança leitora assídua.

Os princípios gráficos editoriais aqui adotados não são exclusivos das publicações de literatura infantojuvenil. São, em geral, orientações que auxiliam no desenvolvimento de um projeto no que diz respeito à sua parte gráfica. Portanto, quando couber, sinalizações serão feitas para dar ênfase às especificidades desse gênero, como forma de justificar as escolhas feitas para o projeto do livro *Direitinho, direitão*.

Analisando os aspectos estruturais, que são as partes concretas do livro - pré-textual, textual e pós-textual, eventualmente extratextuais, o projeto deste livro muito se assemelha aos do mesmo gênero produzidos, atualmente. A parte pré-textual de um livro prepara o leitor para a leitura e são organizados assim: falsa folha de rosto, folha de rosto, dedicatória, epígrafe, sumário, lista e ilustrações, lista de abreviaturas e siglas, prefácio, agradecimentos e introdução – compostos de formas variadas. No livro infantojuvenil, apenas alguns desses elementos são utilizados. A falsa folha de rosto serve para proteger o livro, podendo possuir alguma ilustração ou somente o título do livro. A folha de rosto é um elemento muito importante, pois contém as informações principais do livro, referentes à autoria da obra e merece especial atenção na fase de obtenção do ISBN. É

comum o uso de ilustrações aplicadas na folha de rosto também. A dedicatória geralmente se apresenta como um texto isolado e é comum na maioria dos livros desse gênero.

O miolo ou corpo do texto é a parte textual. Possui divisões em capítulos e é onde se encontra o conteúdo da obra. Alguns elementos presentes na parte textual são: a página capitular, que é a divisão dos capítulos; os fólhos, que são a numeração das páginas; e a iconografia, que corresponde aos elementos ilustrativos que auxiliam na compreensão de um conteúdo ou conceito. No livro infantil, a iconografia figura entre os elementos mais importantes, pois as ilustrações trazem uma característica lúdica. Na obra produzida neste projeto, a ilustração cumpre antes a função de espelho - pois a criança autora também é leitora e pouco se vê nas publicações que ocupam as prateleiras das livrarias.

O pós-textual é uma espécie de complemento de informação e está localizado entre a parte textual e o fim do livro. Por exemplo, o colofão que traz os créditos pela execução da obra e dados técnicos do projeto. O apêndice é outro elemento que faz parte do pós-textual e que adiciona informações sobre o livro. Em *Direitinho, direitão* pensou-se em adotar o glossário, porém a ideia foi substituída por um elemento textual, identificado no corpo do texto na seção ‘Quero entender o que é’. Essa decisão foi tomada a partir da experiência de leitura da própria autora, que considerou ‘chato’ ter que ir ao final do livro para entender o significado de uma palavra no meio de um texto.

Partindo para o extratextual - a primeira e segunda capa, a lombada, orelhas foram pensadas com o propósito de atrair o público leitor infantojuvenil e, ao mesmo tempo, para não afastar o adulto que efetivamente paga pelo livro. Dada a quase nenhuma inserção da temática de direitos no mercado de literatura infantojuvenil, é imprescindível que o layout seja agradável à primeira vista e que ele organize hierarquicamente os textos, de forma a valorizar o discurso de pró diálogo defendido pela autora ao longo de sua narrativa e pela própria condução da produção editorial. Por isso, as páginas destacáveis cumprem uma função importante, tendo em vista que elas possibilitam a extensão desse diálogo sobre direitos para além da leitura do livro pela criança. Na capa, onde são apresentados indícios da história, do estilo de ilustração e do tipo de discurso, também se tornou indispensável a inserção de uma foto da autora - pois fez-se crucial dizer, no primeiro momento, para o leitor: “foi uma criança quem escreveu esse livro”.

Os aspectos organizacionais auxiliam na construção de um sistema. A função desse sistema é facilitar na organização dos elementos gráficos que irão fazer parte da publicação. Os dois aspectos mais importantes são o formato e a diagramação. O formato adotado para o livro de Serena Céu foi o denominado comercialmente como médio (14 x

21 cm). É também o formato que predomina nas livrarias quando se trata de publicações infantojuvenis. Acabamento da capa simples, brochura, papel couchê fosco, gramatura 90g, 4x4 cores.

3.2.5 ISBN e propriedade intelectual

Uma das tarefas que mais exigem competência técnica da produção editorial é o registro do ISBN - **International Standard Book Number** - que é um sistema internacional padronizado que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país, a editora, individualizando-os inclusive por edição. Utilizado também para identificar software, seu sistema numérico é convertido em código de barras, o que elimina barreiras lingüísticas e facilita a circulação e comercialização das obras.

Para solicitar o registro do ISBN de uma obra é preciso possuir um prefixo editorial. Para viabilizar a concretização desta etapa neste projeto, criou-se um cadastro de microempreendedor individual (MEI) e definiu-se como atividade principal desta pessoa jurídica a edição de livros. Essa especificação de atividade principal é a única que possibilita a utilização de um nome fantasia para identificar o produtor editorial na obra.

O sistema ISBN é controlado pela Agência Internacional do ISBN, que orienta, coordena e delega poderes às agências nacionais designadas em cada país. Desde 1978, a Fundação Biblioteca Nacional representa a Agência Brasileira, com a função de atribuir o número de identificação aos livros editados no país.

Uma vez fixada a identificação, ela só se aplica àquela obra e edição, não se repetindo jamais em outra. A versatilidade deste sistema de registro facilita a interconexão de arquivos e a recuperação e transmissão de dados em sistemas automatizados, razão pela qual é adotado internacionalmente. O ISBN simplifica a busca e a atualização bibliográfica e é um sistema que promove a integração cultural entre os povos através do registro universal dos livros. No Apêndice B deste memorial é possível conhecer a interface online através da qual o ISBN é solicitado.

Sobre a proteção dos direitos autorais, o registro da obra é um serviço prestado pelo Escritório de Direitos Autorais (EDA) da Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei nº 9.610 de 19/02/1998. O registro dos direitos autorais sobre uma obra intelectual permite o reconhecimento da autoria, especifica direitos morais e patrimoniais e estabelece prazos de proteção tanto para o titular, quanto para seus sucessores. Este projeto tem, entre suas metas, proteger a propriedade intelectual da criança autora. Existe, no formulário de

solicitação do registro, campo específico para identificação de obras de autoria de menores. A obra não publicada, caso do *Direitinho, direito*, precisa ser apresentada impressa, em uma única via. Todas as páginas devem estar numeradas e rubricadas, sem grampos e sem encadernar. Na capa deve-se informar o nome da obra e os dados do autor (nome completo, RG, CPF, cidade e ano). No Apêndice C deste memorial consta formulário destinado a este fim.

3.3 Execução do produto final

Na etapa de execução do produto final devem ser realizadas a impressão, a encadernação e o acabamento do livro. Esse processo só pode ser iniciado depois que a diagramação está completa. No entanto, a publicação produzida neste projeto ainda se encontra nesta etapa anterior, até o momento de apresentação deste memorial. A realização de ensaio fotográfico, indispensável ao projeto gráfico elaborado, foi tardia e ocasionou o atraso de cronograma.

3.3.1 Captação de recursos e parcerias futuras

A captação de recursos foi uma etapa relegada ao último tempo da produção editorial. Ao menos três fatores contribuíram para isso: 1) a demora no fechamento do texto original do livro; 2) a equipe de produção editorial reduzida, o que forçou acúmulo de funções e outras priorizações e 3) a ausência de um profissional de design desde o início da execução do cronograma, o que ocasionou grandes prejuízos ao alcance das metas do projeto.

No entanto, definiu-se os parâmetros para essa captação de recursos e parcerias. São eles:

- identificar financiadores individuais, visando oportunizar contato da autora com seu leitor potencial;
- buscar parcerias e patrocinadores institucionais que estejam plenamente alinhados com a promoção dos direitos da criança, no sentido de sua defesa e educação para o exercício da cidadania - a exemplo de faculdades de direito, associações de funcionários do judiciário, escolas e afins;
- Delinear relações de parceria que não limitem os usos possíveis do livro pela autora, na perspectiva de manter o caráter de publicação independente; e que

tenham como principal benefício a reprodução e distribuição do livro, ao tempo em que a principal contrapartida será a aquisição de exemplares com veiculação de marca institucional nos mesmos.

Frente a esses parâmetros, a captação de recursos exige cautela na apresentação da proposta de parceria ou financiamento, e para tanto é necessário dedicar esforços concentrados nessa etapa.

Uma parceria importante foi estabelecida com o laboratório acadêmico de fotografia, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – o LabFoto. Esse apoio oportunizou a produção de imagens da autora em alta qualidade, que serão utilizadas não só no projeto gráfico do livro, como também em peças de divulgação da obra.

3.3.2 Campanha Crowdfunding

A campanha foi elaborada na plataforma virtual de financiamento coletivo Catarse. Essa plataforma oferece um tutorial sobre como os projetos devem ser apresentados e possui um regulamento próprio de captação de recursos junto aos usuários. 13% do valor arrecadado são retidos como taxa de pagamento pelo uso da ferramenta. Então, o valor posto para financiamento já deve prever esse custo.

Duas modalidades de captação são possíveis, no Catarse: *flex* e ‘tudo ou nada’. A primeira possibilita que o realizador do projeto retenha todo o recurso captado, mesmo que não corresponda ao valor total do projeto. Para a realização do *Direitinho, direitão*, foi escolhida a opção ‘tudo ou nada’, em que se apenas parte do valor total for arrecadado, até o final dos 60 dias que o Catarse permite que a campanha fique ativa, as contribuições são devolvidas aos colaboradores e o realizador não deverá, assim, fazer qualquer entrega a esse colaborador. Algumas recompensas foram elencadas na campanha, sendo a principal delas a entrega de exemplares do livro - o que configura uma compra antecipada da obra com o intuito de viabilizá-la financeiramente.

Ficou evidente no pouco tempo de ativação da campanha, até o momento de elaboração deste memorial, que essa forma de financiamento coletivo exige intenso engajamento midiático na divulgação do projeto, principalmente através das redes sociais. Uma estratégia, que será utilizada para alavancar o percentual de contribuições nos últimos 30 dias de campanha, será a prospecção junto às escolas de ensino fundamental de grande porte, em Salvador e Região Metropolitana.

No 'Apêndice D' deste memorial é possível ver mais sobre a campanha, através dos *prints* de tela do acesso à plataforma Catarse.

4. Considerações finais

Que representações sobre a criança emergem no discurso da produção editorial do livro *Direitinho, Direitão* e concorrem para a construção das identidades convocadas em sua realização? Essa é a questão maior deste trabalho. Mas de antemão é importante dizer que a criança autora criou uma narrativa que desejava ter encontrado nas livrarias e bibliotecas por onde passou, desde que se tornou leitora, aos 6 anos. Então, esse projeto não poderia ser pensado de forma desarticulada dos modos de produção e comercialização de livros infantojuvenis, no Brasil. Na fase de imersão deste projeto, foi possível notar que a criança representada pela produção editorial nacional, com a qual as publicações de literatura infantojuvenil dialogam, não é apática, tampouco faz parte de uma massa leitora homogênea, interessada nos mesmos assuntos e em narrativas essencialmente fantasiosas.

É verdade que, entre os similares analisados, não encontrou-se publicações - por crianças autoras - com pretensão de convocar de forma direta o sujeito político dotado de alguma criticidade que a criança pode ser, e pode desejar ser. A autora de *Direitinho, direitão*, embalada por questionamentos, próprios e de outros sujeitos importantes para sua biografia, acerca da sua condição social, tentou responder às suas questões subjetivas - quem eu sou, o que tenho a dizer, por que, de que forma e por quais meios posso me fazer ser ouvida - construindo uma narrativa elucidativa e emancipatória, na perspectiva da construção de um lugar de fala como cidadã. Essa perspectiva se fortalece através do livro enquanto suporte difusor de um discurso que pode reverberar construtivamente entre outras crianças, e até mesmo entre os adultos.

Para essa construção do livro infantojuvenil, foi determinante (em parte) uma produção editorial comprometida em tornar seu modo de atuação mais flexível, aberto à utilização de técnicas e processos não tão habituais ao próprio meio profissional e disponível para imergir na temática dos direitos da criança, através da discursividade da autora.

Os sentidos produzidos nos deslocamentos identitários implicados nessa produção editorial, reelaborou, em momentos distintos, a autoimagem da criança autora e também os modos de fazer produção editorial. Essa afirmação parte do pressuposto de que a ampla

participação da criança, autora ou não, na produção de bens culturais é atípica e desafia os modos predominantes de dialogar com a criança por meio da indústria cultural. Serena Céu se percebe sujeito de direitos, não mais limitada ao discurso dos adultos sobre o direito à proteção, mas acessando, interpretando e praticando o que o texto de um instrumento de lei internacional declara como sendo algo que lhe é pertinente - o direito à participação, a opinar, a expressar suas vontades para além do costumeiramente entendido pela sociedade adulta como sendo caprichos de criança; ou pura e simples desobediência. Em suas falas, presente em todo processo editorial, transparece o ser criança brincante, imaginativa e argumentativa.

À medida em que se inteirava nas etapas de produção do livro, a autora se fazia mais autora: propondo alterações nos prazos de execução; argumentado em favor da inserção de novos textos – mesmo quando não havia mais tempo para isso no cronograma do projeto; insistindo em participar da produção de ilustrações, mesmo diante dos apelos da mãe produtora para se concentrar mais na narrativa textual; sugerindo soluções gráficas para gerar maior interação com seu potencial leitor. Assumindo a posição de autoria, transitou através de todas as outras discursividades implicadas no processo, convocando e sendo interpelada frente a todos os sujeitos envolvidos no projeto.

Do ponto de vista da produção cultural, desvendar o ritual para a construção do livro infantojuvenil implicou em, antes de tudo, entender o que a criança autora gostaria de dizer e quem ela é quando ocupa posições diferentes do lugar de filha. Como autora, revelou um vocabulário extenso e sério demais para uma criança – o que mobilizou a mãe produtora a orientar a escolha de expressões mais fáceis, que remetessem à brincadeira, estimulando-a a se deslocar para a posição de outras crianças de mesma idade, mas inseridas em realidades de leitura diferentes das dela. Como ilustradora, indicou preferências às vezes complexas de realizar, mediante os recursos e tempo disponíveis. Do lugar de criança, reclamou das cobranças por mais responsividade ou celeridade no cumprimento de suas funções no projeto.

Frente a esse sujeito propositivo e re-ativo, a produção editorial se fez cautelosa com a busca por resultados no tempo do cronograma estabelecido, o qual não perdeu sua funcionalidade, porém não ditou por completo o ritmo da produção. Personificada aqui pela mãe produtora, a produção editorial não abandonou o compromisso com a viabilidade mercadológica do projeto, tampouco abriu mão de cumprir os ritos burocráticos que envolvem a produção de um livro. Ao contrário, buscou por diversos meios – contato com profissionais da área, triagem de materiais técnicos do design e da

administração, pesquisas sobre o mercado editorial, entre outras estratégias que podem ser percebidas neste memorial – a atuação profissional responsável e centrada no alcance dos objetivos elencados para este projeto.

O curso de Comunicação Social contribuiu imensamente para uma postura responsável frente aos desafios dessa produção editorial. Entender, sob a ótica dos estudos culturais, como se constrói a produção de sentido nos processos comunicacionais e como as diferentes vozes que se interpelam e se unem para a defesa de um discurso comum – o que acontece com *Direitinho, direitão*, gera representações outras para os sujeitos ali engajados foi e é crucial para delinear e consolidar uma identidade profissional enquanto comunicóloga e produtora cultural. Para além do fazer laboral, a ótica do intelectual orgânico possibilita, neste caso, vislumbrar uma gama extensa de realizações possíveis a partir da narrativa proposta pela autora Serena Céu em seu livro; o que significa dizer que pode ser realmente viável elevar o lugar da criança de sujeito politicamente subalterno a cidadã plenamente realizada através da produção de bens culturais.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p.279

BRITTO, Lidiane Campos. **A comunicação e o mercado editorial infantil brasileiro na década de 1990.** 2007. 73 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São paulo, São Bernardo do Campo, 2007. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/787/1/Lidiane%20Britto.pdf>>. Acesso em: 15 fev 2017.

CANCLINI, Nestor G. **Consumidores & cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

COSTA, A. C. G. **De menor a cidadão.** In: COSTA, A. C. G., MENDEZ, É. G. Das necessidades aos direitos. pt.2. São Paulo: Malheiros, 1994. (Série Direito da criança, 4).

CURY, C. R. J. **Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença.** Cadernos de Pesquisa, n.116, p.245-262, jun. 2002.

CURY, C. R. J. et al. **Medo à liberdade e compromisso democrático: LDB e Plano Nacional de Educação.** São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** São Paulo: Paisagens, 2000.

HALL, Stuart; HOBSON, Dorothy; LOWE, Andrew e WILLIS, Paul. (Orgs.). **Culture, media, language.** Nova York: Routledge, 1980.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora.** In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

HALL, Stuart (Org.). **Representation: cultural representation and signifying practices.** Los Angeles: Sage, 1997.

LINS, Guto. **Livro infantil? projeto gráfico, metodologia, subjetividade.** 2. ed. São Paulo: Rosari, 2004.

LIPOVETSKY, G. & CHARLES, S. **Le Temps Hypermodernes.** Paris: Editions Grasset, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **“Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna”** In: Os Tempos Hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LUPTON, Ellen (Org.). **Intuição, ação, criação.** Tradução de Mariana Bandarra. São Paulo: G. Gilli, 2013.

MASSOLAR, Pablo. **Cinco tendências atuais do mercado editorial.** Editoras.com, [S.l.], [201-]. Disponível em: <<http://editoras.com/cinco-tendencias-atuais-do-mercadoeditorial/>>. Acesso em: 10 jan 2017.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PEREIRA, Nilce Maria. **Traduzindo com imagens: A imagem como reescritura, a ilustração como tradução.** 2008. 156 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüístico e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidades de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-03092009172824/pt-br.php>>. Acesso em: 5 jan 2017.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança.** Rio de Janeiro: Record, 1975.

PLATONOW, Vladimir. **Mercado de livros infantojuvenil em papel cresce, apesar das novas tecnologias digitais.** EBC, Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2013/06/mercado-de-livros-infantojuvenil-em-papelcresce-apesar-das-novas-tecnologias>>. Acesso em: 2 jan 2017.

RAMALHO, Priscila. **Entrevista com Ana Maria Machado:** uma das maiores autoras infanto-juvenis do Brasil fala da importância da escola na formação das futuras gerações de leitores. Nova Escola, Rio de Janeiro, set. 2001. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-deve-dar-prazer-423594.shtml>>. Acesso em: 10 jan 2017.

RUBIM, Linda (Org.). **Organização e Produção da Cultura.** Salvador: Edufba, 2005.

SARMENTO, M.J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo.** In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. *As crianças, contextos e identidades.* Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SOARES, Natália Fernandes. **A investigação participativa no grupo da infância.** Currículo sem fronteiras, v. 6, n. 1, pp. 25-40, jan/jun, 2006.

TOMÁS, Catarina e SOARES, Natália. **O cosmopolitismo infantil: uma causa (sociológica) justa.** In: V Congresso Português de Sociologia. *Sociedades contemporâneas: reflexividade e acção.* Porto, 2004.

VERONESE, Josiane Rose Petry . **Temas de Direito da Criança e do Adolescente.** São Paulo: LTr, 1997.

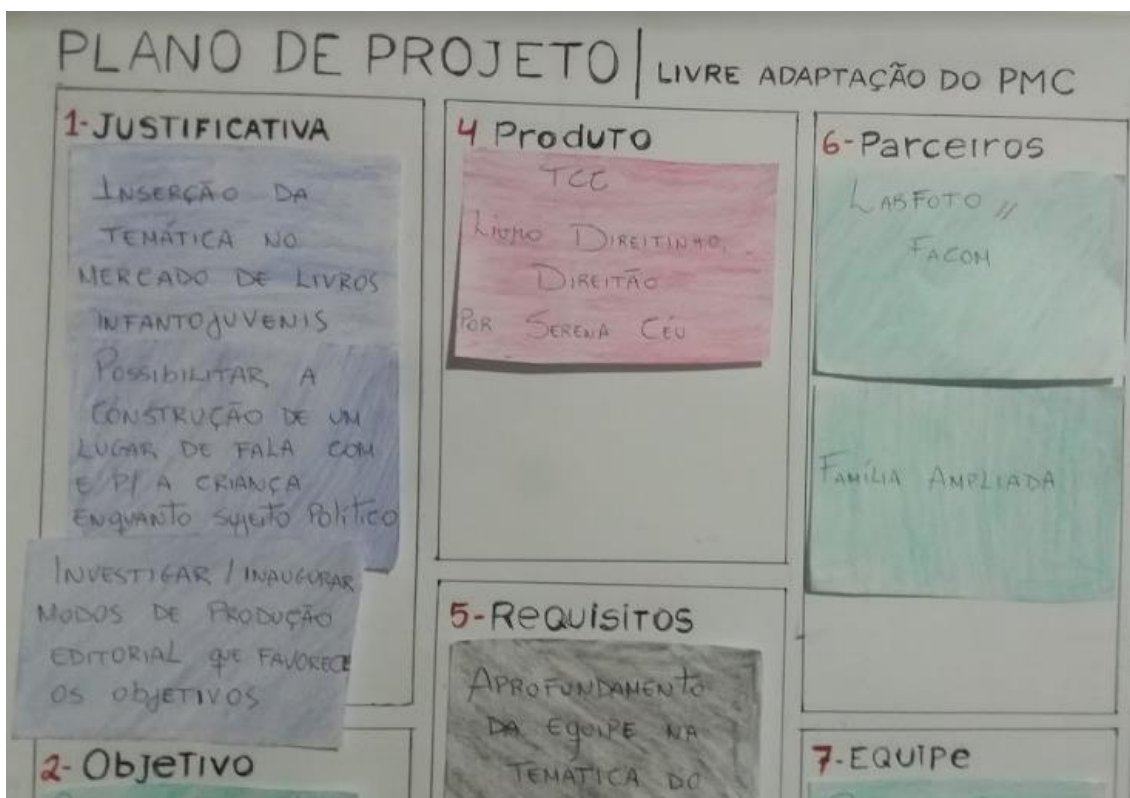
VERONESE, Josiane Rose Petry. **Os direitos da criança e do adolescente.** São Paulo: LTr, 1999

VIANNA, M et al. **Design thinking: inovação em negócios.** Rio de Janeiro: MJV Press, 2012

VYGOTSKY, LEV S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. 135 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3^a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).

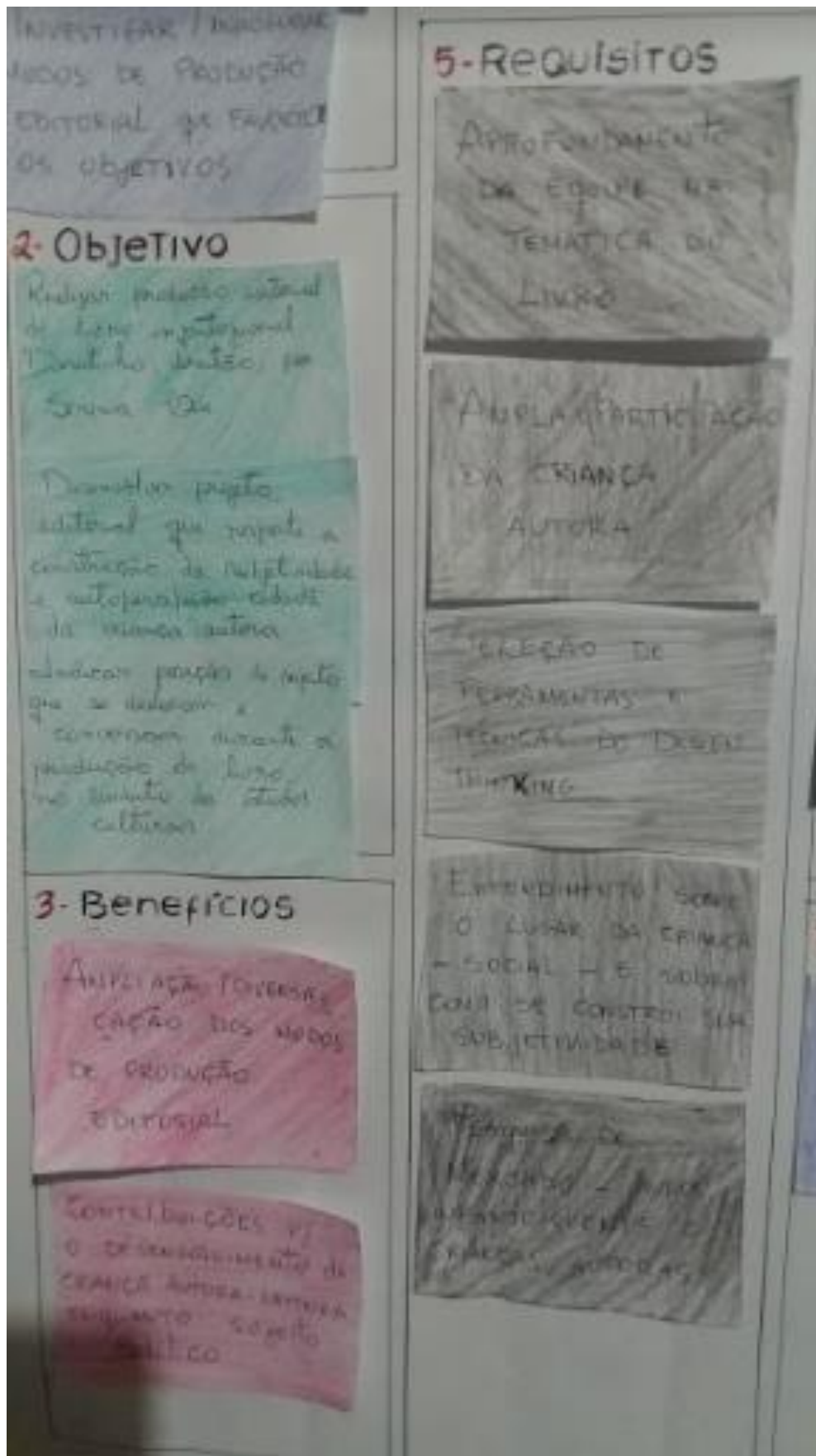
APÊNDICE A – Detalhes do PMC



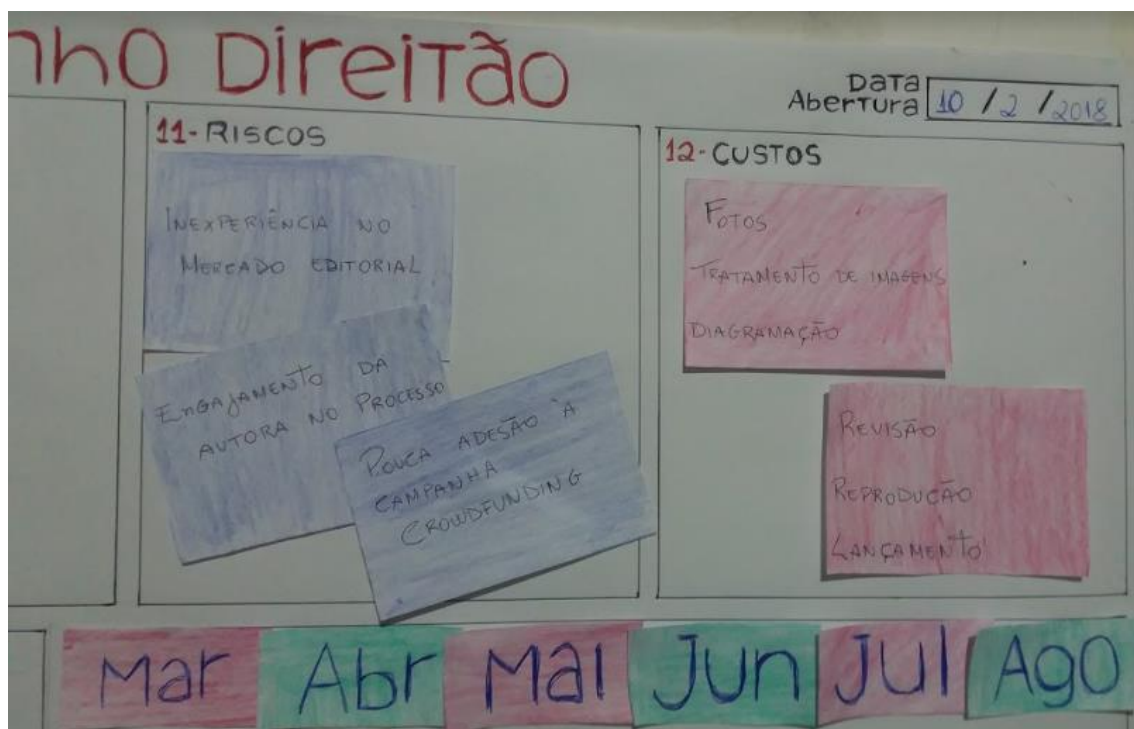
(Justificativa, produto, parceiros)



(Equipe, entregas e premissas)



(Objetivo, benefícios, requisitos)



(Riscos, custos e cronograma)

APÊNDICE B – Sketches



Produzido por Jacob Nascimento



Produzido por Serena Céu



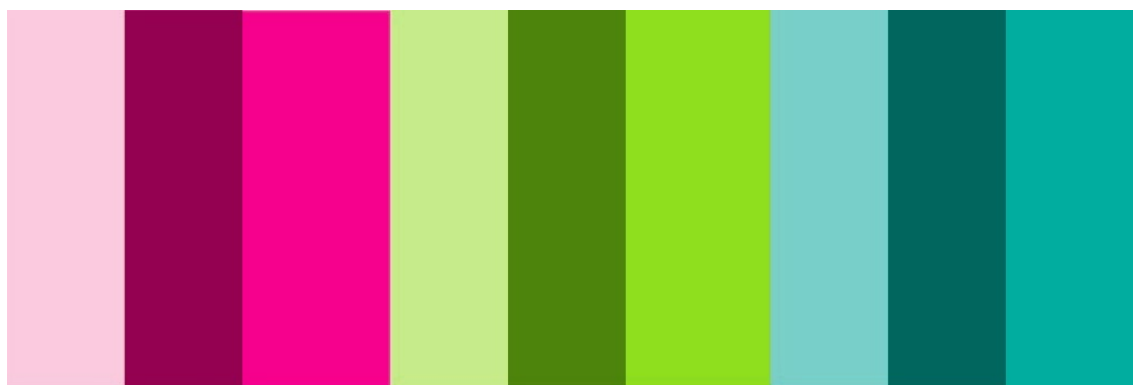
Produzido por Jacob Nascimento



Produzido por Serena Céu




Produzido por Serena Céu




Paleta de cores do livro – definida por toda a equipe editorial e autora

APÊNDICE C


INTERFACE ISBN e FORMULÁRIO DE REGISTRO DE AUTORIA



Agência Brasileira do ISBN



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL



FUNDAÇÃO
MIGUEL DE CERVANTES

Histórico Editorial
Minha Solicitação
Solicitações Encerradas
Extrato de Conta Corrente

Menu

- Tela Inicial
- Histórico Editorial
- Serviços Diversos
- Produção Assunto
- Produção Suporte
- Reserva de Crédito
- Solicitações Encerradas
- Extrato de Conta Corrente
- Manual do Editor

Solicitação de ISBN

1 Dados da Obra
2 Dados Complementares
3 Participações

Dados Principais

Atenção:
SÓ ACEITAREMOS A INCLUSÃO NO SISTEMA SE O TÍTULO DA OBRA ESTIVER PREENCHIDO CORRETAMENTE.

- **título:** somente a inicial da primeira palavra em maiúscula (exceto nomes próprios, lugares, etc...), Ex: Flor amarela
- **nome próprio:** com iniciais maiúsculas (ex: Liara Gomes)
- quando houver subtítulo, separar por dois pontos. (Ex: Amores impossíveis: contos)
- **PROIBIDO COLOCAR O TÍTULO EM MAIÚSCULO / CADA ALTA**
- Seguir as normas da língua portuguesa.

OBS: preenchimento incorreto = solicitação REPROVADA)

Título *

Diretinho, ~~Direção~~

Tipo de Obra

Título Independente

Assunto *

Veja aqui a lista de assuntos

Preço

Idiomas *

Português
 Acadiano, ecadico
 Acholi
 Afribili

Não Traduzido Traduzido *

Avançar

Login do Editor

CNPJ: 30.606.922/0001-08

- Usuários
- Trocar Senha
- Sair

Minha Solicitação

Total de Itens: **0**

Total: **0,00**

Ver Minha Solicitação

Fundação Biblioteca Nacional | Ministério da Cultura | Brasil.gov.br
 Copyright © Fundação Miguel de Cervantes
 Rua México, 45 – 5ª andar – Edifício Lumex - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20031-144 / Tel: (21) 2262-9724
 Desenvolvido por BBR IT - versão 2.0



Agência Brasileira do ISBN



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL



FUNDAÇÃO
MIGUEL DE CERVANTES

Histórico Editorial
Minha Solicitação
Solicitações Encerradas
Extrato de Conta Corrente

Menu

- Tela Inicial
- Histórico Editorial
- Serviços Diversos
- Produção Assunto
- Produção Suporte
- Reserva de Crédito
- Solicitações Encerradas
- Extrato de Conta Corrente
- Manual do Editor

Informações Sobre a Solicitação

Número Solicitação 300678	Data de Fechamento 28/06/2018	Status Atual da Solicitação Aguardando Análise
Valor Total Solicitação 349,00	Valor Pago 349,00	

Item	Quantidade	Preço	Valor Total	Status	Ações
Cadastramento	1	270,00	270,00	Aguardando Análise	Detalhe
Número de ISBN	1	20,00	20,00	Aguardando Análise	Detalhe
Código de Barras - JPEG e Fotolito	1	59,00	59,00	Aguardando Análise	Detalhe

Item	Data	Responsável	Histórico
1	28/06/2018 10:13:22	PRISCILA DE JESUS SILVA 00004766604	Inclusão de novo prefixo editorial.
2	28/06/2018 10:14:54	PRISCILA DE JESUS SILVA 00004766604	Fechamento de solicitação.
3	28/06/2018 10:20:41	PRISCILA DE JESUS SILVA 00004766604	Pagamento de solicitação utilizando bolsa de créditos.

Login do Editor

CNPJ: 30.606.922/0001-08

- Usuários
- Trocar Senha
- Sair

Minha Solicitação

Total de Itens: **3**

Total: **349,00**

Ver Minha Solicitação

Histórico Editorial

REQUERIMENTO PARA REGISTRO AVERBAÇÃO (assinale com um x)

1. DADOS DO REGISTRO (Não Preencher – a cargo da Instituição)

1.1 CÓDIGO DO VALOR:

REGISTRO Nº.	LIVRO	FOLHA
Local	Data	Assinatura do Agente Público pelo Registro

2. INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA INTELECTUAL (a serem preenchidas pelo(s) requerente(s))

2.1 TÍTULO DA OBRA				
2.2 Gênero da Obra (marque com um x na coluna da esquerda):				Poema
<input type="checkbox"/> Antologia	<input type="checkbox"/> Conferência	<input type="checkbox"/> Ensaio	<input type="checkbox"/> Mapa	<input type="checkbox"/> Religioso
<input type="checkbox"/> Argumento (audiovisual)	<input type="checkbox"/> Conto	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Místico/esotérico	<input type="checkbox"/> Romance
<input type="checkbox"/> Artigo	<input type="checkbox"/> Crônica	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Monografia	<input type="checkbox"/> Roteiro (audiovisual)
<input type="checkbox"/> Autobiografia	<input type="checkbox"/> Desenho	<input type="checkbox"/> História em Quadrinhos	<input type="checkbox"/> Música	<input type="checkbox"/> Teatro
<input type="checkbox"/> Biografia	<input type="checkbox"/> Design de Website	<input type="checkbox"/> Literatura Infantil	<input type="checkbox"/> Novela	<input type="checkbox"/> Técnico
<input type="checkbox"/> Cartaz/folder/panfleto	<input type="checkbox"/> Dicionário	<input type="checkbox"/> Letra de Música	<input type="checkbox"/> Periódico (jornal, revista)	<input type="checkbox"/> Tese
<input type="checkbox"/> Comics	<input type="checkbox"/> Didático	<input type="checkbox"/> Livro-jogo (RPG)	<input type="checkbox"/> Personagem	<input type="checkbox"/> Outros
2.3 A OBRA intelectual é: () Publicada () Inédita		2.4 Número total de páginas da Obra:		
2.5 PARA OBRA INTELECTUAL PUBLICADA (os dados a seguir são informados quando a obra for publicada)				
EDITOR (A)			GRÁFICA	
NÚMERO DA EDIÇÃO	ANO	LOCAL DA PUBLICAÇÃO	VOLUME/SERIE	
2.6 Os campos a seguir são preenchidos somente por requerente(s) que deseja(m) realizar uma AVERBAÇÃO a um REGISTRO já existente: REFERENTE AO REGISTRO Nº. _____ QUAL A ALTERAÇÃO REALIZADA: () Supressão de Conteúdo () Acréscimo de conteúdo () Mudança de Título () Averbar Transferência de Titularidade () Publicação da Obra () Outros a especificar:				

3. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO (informações a serem preenchidas pelo(s) requerente (s))

NOME				
Nº IDENTIDADE (com órgão expedidor)	DATA DE NASCIMENTO	CPF/CNPJ	NATURALIDADE	NACIONALIDADE
PSEUDÔNIMO (nome artístico) (quando houver)	OCUPAÇÃO	GRAU DE INSTRUÇÃO	NOME DA MÃE	
ENDEREÇO COMPLETO (avenida, rua, travessa, etc., nº., complemento)				
BAIRRO	MUNICÍPIO	UF	CEP	
(DDD) TELEFONE	(DDD) CELULAR	E-mail/Site		
VINCULO COM A OBRA: () Autor(a) () Adaptador (a) () Cessionário (a) () Tradutor(a) () Ilustrador (a) () Organizador(a) () Fotógrafo (a) () Representante Legal () Cedente () Herdeiro () Inventariante () Editor				

ASSINATURA DO REQUERENTE

3.1 OUTRO REQUERENTE (quando houver)

NOME				
Nº IDENTIDADE (com órgão expedidor)	DATA DE NASCIMENTO	CPF/CNPJ	NATURALIDADE	NACIONALIDADE
PSEUDÔNIMO (nome artístico) (quando houver)	OCUPAÇÃO	GRAU DE INSTRUÇÃO	NOME DA MÃE	
ENDEREÇO (avenida, rua, travessa, etc., nº., complemento)		Nº.	COMPLEMENTO	
BAIRRO	MUNICÍPIO	UF	CEP	
(DDD) TELEFONE	(DDD) CELULAR	E-mail/Site		
VINCULO COM A OBRA: () Autor(a) () Adaptador (a) () Cessionário (a) () Tradutor(a) () Ilustrador (a) () Organizador(a) () Fotógrafo (a) () Representante Legal () Cedente () Herdeiro () Inventariante () Editor				

ASSINATURA DO REQUERENTE

3.2 OUTRO REQUERENTE (quando houver)

NOME				
N° IDENTIDADE (com órgão expedidor)	DATA DE NASCIMENTO	CPF/CNPJ	NATURALIDADE	NACIONALIDADE
PSEUDÔNIMO (nome artístico) (quando houver)	OCUPAÇÃO	GRAU DE INSTRUÇÃO	NOME DA MÃE	
ENDEREÇO (avenida, rua, travessa, etc., nº., complemento)				
BAIRRO	MUNICÍPIO	UF	CEP	
(DDD) TELEFONE	(DDD) CELULAR	E-mail/Site		
VINCULO COM A OBRA: () Autor(a) () Adaptador (a) () Cessionário (a) () Tradutor(a) () Ilustrador (a) () Organizador(a) () Fotógrafo (a) () Representante Legal () Cedente () Herdeiro (a) () Inventariante () Editor				

ASSINATURA DO REQUERENTE

4. REPRESENTANTE LEGAL (para menores de 18 anos)

NOME		
N° IDENTIDADE (com órgão expedidor)	N° CPF	GRAU DE PARENTESCO
		ASSINATURA

5. PREENCHER QUANDO A OBRA INTELECTUAL APRESENTADA PARA REGISTRO FOR ADAPTAÇÃO E/OU TRADUÇÃO

ADAPTAÇÃO:	TRADUÇÃO:
OBRA ORIGINAL/TÍTULO: _____	OBRA ORIGINAL/TÍTULO: _____
AUTOR (ES) (obra originária): _____	AUTOR (ES) (obra originária): _____

6. OBSERVAÇÕES (caso haja):

7. DISPOSIÇÕES FINAIS

7.1 DECLARO QUE A REALIZAÇÃO DA OBRA INTELECTUAL ORA APRESENTADA PARA REGISTRO E/OU AVERBAÇÃO É DE MINHA INTEIRA RESPONSABILIDADE, ISENTANDO ASSIM A FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL DE QUAISQUER QUESTÕES JUDICIAIS FUTURAS.

7.2 DE ACORDO COM OS TERMOS DA LEI Nº. 9.610, DE 19/02/98, O(S) SUPRACITADO(S) VEM REQUERER O REGISTRO E/OU AVERBAÇÃO DA OBRA ACIMA CARACTERIZADA, PARA O QUE ENTREGA(M) O(S) EXEMPLAR(ES), ORA APRESENTADO (S), E, POR SEREM SUAS DECLARAÇÕES FIEL EXPRESSÃO DA VERDADE, SOB PENA DE LEI, PEDE(M) O DEFERIMENTO.

_____	____/____/____	_____
LOCAL	DATA	Primeiro REQUERENTE
		Segundo REQUERENTE
		Terceiro REQUERENTE

Assina(m) este, todo(s) aquele(s) que é(são) autor(es) e/ou requerente(s) – Autor(es) apenas informado(s) fica(m) isento(s) da(s) assinatura(s)

8. PREENCHIMENTO A CARGO DA INSTITUIÇÃO

ATENDIMENTO DO SERVIDOR:	_____
____/____/____	ASSINATURA do AGENTE PÚBLICO
DATA	

APÊNDICE D – Financiamento Coletivo

Campanha Crowdfunding – plataforma Catarse

catarse Comece seu projeto Explore Busque projetos

DIREITINHO, DIREITÃO

por Revelia Produções

Serena Ceu

R\$ 50
apoiados por 1 pessoa

0% 41 dias restantes

Meta R\$ 13.560
Campanha Tudo-ou-nada

Apoiar este projeto

Você pode apoiar este projeto até o dia 09/08/2018 às 23h59m59s

Revelia Produções
1 criado | 0 apoiado

Confitar

Salvador, BA Literatura

Criança pode falar!

Compartilhar: Facebook Messenger Mais

O PROJETO

R\$ 15 ou mais

Xeretinha
Poster tamanho A2 Ilustrado e Impresso,

Apoiar este projeto

Entrega prevista: ago/2018 Envio: Presencial

0 apoio

R\$ 35 ou mais

Xereta Legal
**Valor promocional para os 30 primeiros apoiadores.

Um exemplar do livro Impresso, com dedicatória e entregue pessoalmente pela autora no dia do lançamento do livro.

Entrega prevista: ago/2018 Envio: Presencial

Limitada (30 de 30 disponíveis)

0 apoio

R\$ 50 ou mais

Xereta Sabido
Um livro Impresso (com dedicatória) + 01 pôster Ilustrado, entregues pessoalmente pela autora no dia do lançamento em Salvador.

Entrega prevista: ago/2018 Envio: Presencial

0 apoio

Sobre Novidades 0 Apoiadores 1 Comentários 0

orgulhosa de se dedicar. O livro infantil *Direitinho, Direitão* é um projeto pessoal de Serena, uma baianinha de 10 anos, que, pressionada pela família a pensar sobre um mundo de situações problemáticas que se relacionam com sua existência, decidiu falar sobre sua condição nessa terra comandada por gente grande mais bagunceira do que ela.

O livro é uma livre interpretação pela autora de artigos importantes da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, em vigor desde de 1990. Serena Ceu não só registra seu entendimento sobre esses artigos como provoca os 'xeretas' da sua faixa etária a entenderem junto com ela. A publicação tem como público prioritário crianças de 7 a 12 anos e é uma boa surpresa para o mercado de literatura infantil, no Brasil, por inúmeros motivos. O maior deles é a temática, tão discutida por adultos especialistas e tão pouco conhecida de seus principais interessados, as crianças. Além disso, temos aqui uma publicação autenticamente produzida por uma criança e com grande carga de contribuição familiar.

A medida em que avança sobre os oito artigos que escolheu para falar no *Direitinho, Direitão*, Serena Ceu revela suas impressões sobre a vida, a partir de experiências próprias. Aponta em seu cotidiano de pequena cidadã o desafio que é defender os próprios direitos.

Conheça os artigos escolhidos por ela para compor seu primeiro livro:

- Direito à família (Art. 5)
- Direito a existir (Art. 7)
- Direito de aprender (Art. 28)
- Direito à saúde (Art. 24)
- Direito de brincar (Art. 31)
- Direito à igualdade (Art. 2)
- Direito de falar (Art. 12)
- Direito à proteção (Art. 19)

MAIS SOBRE A AUTORA

Serena Silva Nascimento (Ceú), 10, é soteropolitana, negra, estudante de escola pública, que foi alfabetizada aos 6 anos. Transita entre escolas da rede pública e privada, no interior da Bahia e capital, desde a educação infantil. Possui notória intimidade com a escrita. Pratica ginástica rítmica (GR) como atleta mirim e é a primogênita de uma família de origem popular formada por mãe produtora cultural e educadora, pai agente de saúde e designer e dois irmãos biológicos menores. Ceú é uma menina meio caladona e séria demais, alguns dirão. Mas adora seus cachinhos, fazer brigadeiro e construir miniaturas de todas as coisas! É boa desenhista e muito, muito observadora.



[Sobre](#) [Novidades 0](#) [Apoiadores 1](#) [Comentários 1](#)



Interessou-se pela temática dos direitos infanto-juvenis à medida em que descobria os livros e avançava em diálogos de negociação familiar cotidianos. Expressou pela primeira vez a vontade de escrever sobre seus próprios direitos aos 7 anos, quando começou a ter acesso monitorado pelos pais aos vlog's protagonizados por crianças na internet. Por ocasião desse contato, seus pais sempre lhe chamavam atenção para que pensasse sobre os conteúdos ali veiculados, sobre a origem daquelas produções, sobre o perfil étnico e social das pequenas celebridades e sobre o que sentia falta em termos de variedade temática. Foi questionada por diversas vezes pelos seus pais: "Criança só fala sobre compras, presentes, festas de natal e trolagens?" E por muitas vezes foi pressionada a buscar outros conteúdos para garantir um acesso mais plural e qualificado a produtos de mídia, sob pena de ter seu direito a navegar na internet restringido a quase nenhum. O resultado não foi animador: Serena não encontrava esses tais outros conteúdos, por mais dedicada a encontrar que estivesse.

R\$ 150 ou mais

Xereta Retado

Três exemplares do livro impresso com dedicatória + 3 pôsteres ilustrados entregues em casa.

Entrega prevista:
Jul/2018

Envio:
Somente para o Brasil

O apolo

R\$ 850 ou mais

Xereta Mais que Retado

25 livros para você doar ou presentear + 10 pôsteres ilustrados.

Entrega prevista:
ago/2018

O apolo

Apolar este projeto



Xereta Master

70 livros para você doar ou presentear + 25 pôsteres ilustrados + Instrutivo sobre atividades de grupo planejadas, com dicas especiais sobre como usar o Diretinho, Diretão para promover o tema na sua empresa ou organização.

Entrega prevista:
ago/2018

Envio:
Presencial

O apolo

R\$ 5.000 ou mais

Xereta Exibido

Logotipo da empresa apoiadora na contracapa de todas as unidades impressas do livro (mínimo de 500 exemplares) + doação de 15% da tiragem (75 livros para serem distribuídos ou doados como a empresa preferir).

02 cotas

Entrega prevista:
ago/2018

O apolo

Período de campanha

10/06/2018 - 09/08/2018 (60 dias)

O QUE SE APRENDE COM O LIVRO

A primeira coisa que com certeza se aprende com o *Direitinho, Direitão* é que criança pensa. O livro convida todos nós a repensar a ideia que compramos até agora sobre o que é ser criança. Também corremos o risco de sentir que a relação entre adultos e crianças está muito aquém, em termos de parceria, do que poderíamos alcançar. É uma convocação para crescermos juntos! Para "baixar a bola" sobre o que temos certeza que sabemos e confiar um pouco mais na escuta, na solidariedade e no amor.

RECOMPENSAS

Projeto de financiamento coletivo é assim: você escolhe um valor para investir e recebe algo em troca. Aqui, a principal recompensa só poderia ser... livro – o livro *Direitinho, Direitão*. É como se fosse uma venda antecipada, entende? Você "compra" o livro antes dele ser impresso, por um preço menor do que ele terá nas lojas, e depois recebe em casa, com frete grátis.

Pode optar por um livro ou vários ou até mesmo por ter a sua marca na contracapa do livro (já pensou se vira best-seller? Sua marca vai voar longe!). Mas você pode se perguntar: o que vai acontecer se o projeto não atingir a meta necessária para virar realidade (a gente prefere pensar que vai!)? Não se preocupe: se isso acontecer, nós devolveremos o seu dinheiro por meio do próprio sistema do Catarse que é a mais famosa plataforma de financiamento coletivo do Brasil. É tudo muito sério e seguro!

Dá uma olhada nos valores e nas recompensas que estão na tabela à direita da tela. A partir de 30 reais já dá pra colaborar e receber recompensas. Se você gostar e quiser participar (geramos que sim!), clique em "Apoiar este projeto". Uma nova

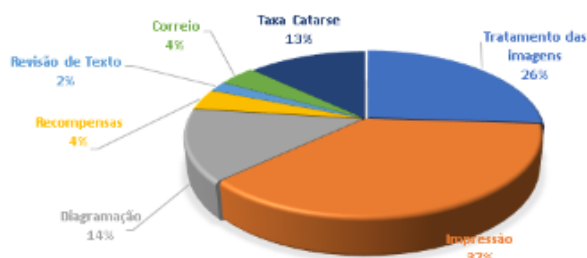
Sobre Novidades 0 Apoiadores 1 Comentários 0

Apoiar este projeto

dados, pois isso será muito importante para que possamos enviar os livros pelo Correio ou entrar em contato, caso precise (vá que você coloque o endereço errado sem querer, né?). O pagamento poderá ser feito pelo cartão de crédito ou por boleto bancário. Bóra ajudar?

Orçamento

COMO O DINHEIRO VAI SER UTILIZADO



Denunciar este projeto ao Catarse

APÊNDICE E – Texto original *Direitinho, direito* por Serena Céu**DIREITINHO, DIREITÃO**

Autora: Serena Céu

Gênero: literatura infanto-juvenil

Aproximadamente 5.500 palavras

Ano de publicação: 2018

Revelia Produções | Salvador, Bahia - Brasil

Coordenação editorial: Priscila Silva

Contatos:

(71) 9 8160-9176

9 8145-8103

reveliaproducoes@gmail.com

serena.nascimento@gmail.com

@ceuserena

DIREITO DE QUÊ?

Eu procurei, procurei, procurei e pouco achei sobre os direitos das crianças. ‘Tô’ falando de coisas feitas ‘pra’ gente, sabe? Vídeos, livros, joguinhos... por isso eu penso que **Direitinho, direito** é um livro muito legal! Não é só porque eu que escrevi, não. É porque agora eu sei que quando um xereta quiser aprender mais sobre a própria vida, vai encontrar esse achadinho que pode ajudar muito!

Tem muita gente grande por aí que não entende bem essa história de direitos da criança e por isso pensa que é ruim tocar nesse assunto. Ai, gente, ter direitos não é um problema, nã-nã-ni-nã-não!

Neste livro, você vai entender como funcionam nossos direitos, de verdade. Eu escolhi partes - o nome certo é ‘artigos’ - importantes da **Convenção Internacional dos Direitos da Criança** para xeretar aqui. Vamos falar de oito deles! Eu escolhi um por um depois de pensar muito sobre quais eram as coisas mais importantes da minha vida de xereta. Meu corpo, meus pensamentos, família, escola, amigos, diversão e não sentir medo de andar por aí... não sentir medo de ser feliz!

Você pode conversar com sua família sobre seus direitos. Eu converso muito com meus pais, meus irmãos e amigos sobre direitos. Isso me ajuda tanto a entender as coisas todas do mundo! Experimenta!

QUERO ENTENDER O QUE É...

Direito _ tudo que você pode fazer ou ter e todo mundo devia saber

Xeretar _ quando você quer muito entender alguma coisa, fuçar, investigar

Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança _ um tantão de direitos juntos, escritos em uma carta que vários países do mundo assinaram dizendo “eu topo e prometo que vou obedecer”!

ESSA HISTÓRIA, DE NOVO?

Um dia, saindo do meu curso de informática, ‘bati um papinho’ sobre o meu livro com o professor. Uma senhora, que ouvia a conversa – curiosa, hein! – Logo perguntou:

_ Esse seu livro vai falar sobre os deveres da criança também? Essas crianças só falam em direitos, hoje em dia!

_ Sim, estou justamente escrevendo essa parte do livro. Mas esses deveres aí não estão escritos em lugar algum. Não que eu saiba!

_ Vai ver em casa, como é... deve dar um trabalhão ‘pra’ obedecer os pais! _ Disse a mulher, toda desconfiada.

Meu professor logo me defendeu e quis saber:

_ Serena é tão serena! Acho que não dá esse trabalho todo, não. Quando vai lançar seu livro?

_ Ainda não sei, professor. Precisamos conseguir mais dinheiro para fazer tudo.

E lá vem a mulher-curiosa-desconfiada de novo:

_ Ô meu Deus! Tanta despesa para a gente se preocupar... Já tem tanto livro para as crianças! Por que você não lê os que já existem e pronto?

_ Gosto dos outros livros. Gosto tanto que deu vontade de escrever um. E o meu livro fala de coisas diferentes das que tem nos outros. É um assunto importante.

Que prazer falar ‘meu livro’!

O TAL DO DEVER

Sim, as crianças têm deveres. Mas onde eles estão escritos?

Pois é, até terminar esse livro o que eu sei é que não tem lei que diga quais são os deveres dos xeretas. Então tô entendendo que a gente tem só um dever: deixar os adultos cumprirem os deveres deles! Afinal, a lei diz que gente grande tem que cuidar de gente pequena e isso é bom ‘pra’ gente, ‘né’ não?

E do que os adultos mais reclamam? De desobediência. Esse é um assunto que dá confusão! Os adultos sempre reclamando que criança não tem que isso, não tem que aquilo... Aí vem o xereta dizendo que tem direito a isso, que tem direito àquilo...

Eu penso que se a gente ainda está aprendendo a ter responsabilidade, não dá mesmo para fazer uma ‘listona’ de deveres ‘pra’ gente cumprir. Mas isso não quer dizer que criança pode fazer besteira o tempo todo.

E como saber se o que estou fazendo é besteira ou não?

Essa é fácil: a gente quase sempre não sabe! Hum, hum... Aí vem o adulto e aponta a toda hora se você está se comportando bem ou mal. Isso fica menos chato quando você entende que quase sempre esse adulto está tentando te proteger. Daí, ou a gente faz o que ele acha certo ou a gente desobedece. Se resolve desobedecer, tem que se explicar. Mas só explica alguma coisa quem pode falar, né? E tem muito adulto que não tem paciência nenhuma para ouvir criança.

O negócio é o seguinte: a gente pode se esforçar para entender mais as coisas sobre nós mesmos e sobre o comportamento de gente grande. E o mais importante nessa história de dever de criança é saber que xeretas podem fazer acordos. Sim, tipo quando você combina com sua melhor amiga de trocar as bonecas preferidas e só destrocá-las depois de cinco dias. Não vale bater o pé no dia seguinte e dizer que quer logo de volta! Então, quando o adulto diz: “se você fizer a tarefa da escola sem reclamar, pode jogar no computador”, você faz a tarefa sem reclamar e curte seu joguinho depois. Assim, seu pai, sua mãe e quem mais cuidar de você vai saber que você é um xereta que sabe fazer acordos, sabe obedecer. Logo, logo você vai ver que fica mais fácil conversar sobre tudo, inclusive sobre seus direitos, sem parecer que você só sabe cobrar e não tá ligando para as coisas boas que eles tentam fazer ‘pra’ te ver feliz.

Agora, pelo que eu andei xeretando, vi que muitos adultos não estão dando conta de proteger nossos direitos, em diversos lugares do mundo. Descobri, também, que ter direitos é uma coisa diferente em cada lugar. Se em um lugar tem mais gente pobre, os direitos quase não valem nada. Se, em outro lugar, as pessoas se alimentam bem, tem boas escolas e têm menos violência, é porque os direitos valem muito.

Tem muita coisa para pensar, xereta!

DIREITO À FAMÍLIA ARTIGO 5

GENTE DA GENTE

Coisa boa é família, né?

Família para mim são as pessoas que me amam, que vivem comigo e que cuidam de mim.

A minha vida seria difícil sem minha família. Eu não teria quem me alimentasse, quem me matriculasse na escola, quem me levasse ao médico, entre várias outras coisas. Imagine como é a vida dos xeretas que foram abandonados por suas famílias!

Se você xeretar bem, vai descobrir que existem vários tipos de família: grande, pequena, família que tem só mãe e filhos, família que tem só pai e filhos, família com dois pais ou duas mães... é família diferente 'pra' todo lado! Tem a família biológica que são seus pais e parentes de sangue. Ou pode ser uma família adotiva, aquela em que as pessoas não têm o mesmo sangue, mas resolveram cuidar de uma criança porque ela não podia ser cuidada pela família biológica. Para ter uma família adotiva a justiça precisa dizer se a criança precisa de uma e depois, se a resposta for sim, que família será essa.

Qualquer família tem que cuidar da criança até que ela fique adulta. Na maioria das vezes nossas famílias cuidam da gente a vida toda!

Mas e se a sua família não puder cuidar de você por algum motivo, o que acontece?

Bem, vamos começar por nossos pais. Se eles não puderem cuidar de você, a justiça vai procurar outros parentes seus que possam. Por isso a família biológica tem uma responsabilidade muuuuito grande, mesmo! Esses outros parentes, como avós e tios, a gente chama de família ampliada. Só se nenhuma dessas pessoas puder cuidar da gente é que a justiça procura pessoas desconhecidas para cuidar de nós.

Quem você gostaria que cuidasse de você, caso seus pais não possam? Fale sobre essa pessoa especial aqui. Se quiser, entrega essa folha para ela. Seja quem for, vai ficar feliz de saber que é tão importante para você.

Os xeretas só podem ser afastados da família se acontecer algo de ruim e muito grave. Se algum direito da gente não estiver sendo protegido pelos nossos parentes. Por exemplo, se uma criança está sendo maltratada e não consegue crescer feliz por isso.

O mais importante para a gente viver bem com nossa família é o amor! É por causa do amor que as pessoas cuidam umas das outras. Sejam da mesma família ou não.

QUERO ENTENDER O QUE É...

Justiça _ várias pessoas trabalhando para que todo mundo se comporte bem e obedeça às leis

Abandono _ quando você não tem ninguém para cuidar de você

Responsabilidade _ quando a gente tem que fazer algo importante, vai lá e faz

Parentes _ pessoas da sua família

Amor _ você sente, mas não consegue explicar... às vezes parece que tem um elefante fofinho dentro de você fazendo cafuné no seu coração. Aperta, mas é bom!

OU O PAI, OU A MÃE

Meus pais já se separaram mais de uma vez. Havia brigas e por vezes minha mãe abusava da paciência do meu pai; depois meu pai abusava da paciência da minha mãe.

Eram mais chatos do que eu e meus irmãos brigando! Eles combinaram que eu e meus irmãos iríamos morar com minha mãe e visitaríamos meu pai a cada quinze dias, nos finais de semana.

Quando todo mundo morava junto, meu pai tinha uma preguiça invencível para diversão em família. Mas quando ele e minha mãe se separaram, sempre que estávamos com ele, a gente ‘ia’ para lugares legais e era pura alegria! Ou então, ele deixava a gente tomar conta da cozinha para fazer receitinhas doces.

Meu avô paterno (pai do meu pai) é bem velhinho e, quando era jovem, foi para a Segunda Guerra Mundial. É uma das poucas pessoas que foram para essa guerra e ainda estão vivas! Então todos os aniversários dele são uma grande festa. Toda a família se reúne para alegrá-lo.

Era o final de semana do meu pai e, um dia antes, minha mãe estava ao telefone com ele. Ela perguntou:

_ Estarão todos na festa de aniversário do seu pai?

_ Sim! A minha namorada também vem.

Foi o bastante para minha mãe encencar.

_ Certo, mas *meus* filhos não precisam ficar perto da sua namorada. Afinal, eu nem conheço, é uma estranha!

_ Mas é a minha namorada. Elas podem ficar perto. Eu conheço. _ Disse meu pai, irritado.

_ Eu só deixo ir se for só a família!

_ Mas é o final de semana que eles devem ficar comigo. É meu direito!

Aí eu tive que entrar na conversa.

_ Mãe, é a aniversário do meu avô. Eu, Pedro e Farah queremos ir e comer bolo.

No final, eu e meus irmãos fomos e a minha mãe ficou zangada. Mas viu que se não fosse assim, nosso direito de estar com nossa família teria sido desrespeitado por uma bobagem. Foi divertido! Abracei meus avós, tios, primos e, sinceramente, nem lembro se a namorada do meu pai estava lá!

DIREITO A EXISTIR

ARTIGO 7

VOCÊ EXISTE?

Quanto mais eu descubro coisas sobre mim, mas eu tenho certeza de que existo, de que sou alguém. Eu sei que existo porque tenho um corpo, porque tenho ideias e pensamentos, rio, choro, grito, por causa dos meus documentos - onde tem meu nome e os nomes dos meus pais e avós, porque tenho parentes e conheço um monte de gente diferente de mim. Eu tenho identidade. Como eu poderia saber disso tudo se eu não fosse alguém?

Pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança, a gente é criança até os 18 anos. Mas aqui no Brasil é diferente. Pela lei, nós somos crianças só até os 12 anos.

É importante a gente aproveitar a infância, porque desde o nascimento muitas coisas acontecem na nossa vida; como quando nossos pais escolhem nossos nomes, aprendemos a andar, a falar, conhecemos nossa família e tantas outras coisas especiais. Até os 18 somos adolescentes, o nosso corpo passará por muitas mudanças e vamos começar a ter curiosidade pelas coisas do mundo adulto. E assim, de repente, viramos gente grande.

Algumas crianças não têm direito a existir como cidadãs porque não tiveram a oportunidade de serem registradas (ou seja, ter documentos), nos casos em que os pais decidem não ficar com a criança e a entregam para adoção ou até as abandonam nas ruas. Tem também as crianças que nascem em lugares muito pobres ou no meio de guerras, e nesses lugares as pessoas estão mais preocupadas com outras coisas. Uma criança que não tem certidão de nascimento, nem um nome, não existe como cidadã. Sem um nome e sem documentos de identificação (aqueles que dizem quem você é) a criança não pode ser atendida em hospitais, por exemplo e também não vai poder ir à escola, porque precisa de documentos para se matricular.

O direito a existir não vai garantir que toda criança seja bem cuidada. Para isso as leis precisam ser conhecidas e as pessoas precisam entender e obedecer essas leis. A falta de obediência às leis é um grande problema no Brasil, porque quanto mais as pessoas não conhecem a lei mais desobedecem, e a educação ruim do nosso país não ajuda. Esse é um assunto meio difícil de entender. Então, por enquanto, vamos só nos apresentar, está bem?

Oi, eu sou Serena e todo mundo me chama de Ceu. Sou xereta, tenho cabelo enroladinho e adoro escrever! Quem é você? Siga meu Instagram @ceuserena e dá um oi 'pra' mim! Vou adorar te conhecer melhor.

QUERO ENTENDER O QUE É...

Identidade _ quem você é

Documentos _ papéis que provam que você existe

Infância _ tempo em que a gente é criança

Lei _ é um combinado sobre o que as pessoas podem fazer ou não

Curiosidade _ ser xereta

Adulto _ pessoas com mais de 18 anos que pagam contas

Cidadãos _ gente que têm direitos, como eu e você

Oportunidade _ aquela hora que você pode fazer algo que não poderia em outra hora

SERENA CÉU

Morando há quatro meses na barriga da minha mãe, aconteceu algo de muito importante na minha vida: eu visitei meu pai e contei para ele qual era o meu nome. Isso mesmo! Você entendeu certinho. Esperei ele pegar no sono e invadi o sonho dele. Eu brincava de esconde-esconde e dizia:

_ Meu nome é Serena!

Ele acordou e deu um sustão na minha mãe barriguda.

_ É uma menina! Ela me disse que o nome dela é Serena.

_ Mas eu nem fiz o exame para saber se é menino ou menina ainda. E se for menina, o nome será Luna. Foi só um sonho!

_ Não foi, não. Tenho certeza que era o bebê que está aí dentro da sua barriga. Certeza!

_ Tá bom, então. _ Disse minha mãe, fechando os olhos para dormir de novo.

Um tempo depois um exame médico revelou que eu era mesmo uma menina. Mas antes disso meu pai já espalhava ‘pra’ Deus e o mundo que meu nome era Serena.

Minha mãe reclamava:

_ Se for menino, deve estar em crise de identidade!

Eu nasci meses mais tarde e finalmente decidiram:

_ O nome é Serena.

Nos preparativos para minha festinha de um ano, alguém revelou:

_ O dia que *Luna* nasceu é o dia do réveillon do calendário lunar.

Espantados, meus pais corrigiram:

_ Não é *Luna*, é Serena.

_ Mas é o mesmo nome: Serena vem de Selene, uma deusa mitológica que representa a lua, ou seja, a própria luna!

Esse, sem dúvida, tinha que ser meu nome. Eu costumo ser calminha, calminha. Assim que cheguei da maternidade nos braços da minha mãe, minha vó Jô disse: “Você é meu céu, pequena” E assim, eu me tornei Céu também.

DIREITO DE BRINCAR

ARTIGO 31

IIUUUUUPIIIIIII!!!!

Muitas coisas me divertem: desenhar, costurar roupas para bonecas, ver filmes e séries, andar de patins e dançar. Nada muito radical!

Cada país tem suas leis para o lazer das crianças. As brincadeiras legais e às vezes perigosas que nós gostamos nem sempre são legais ‘pra valer’. Uma vez (apesar ‘deu’

ter dito várias vezes que era perigoso), meu irmão Pedro Amon, aos 7 anos, passou pela janela do quarto e subiu no telhado da área de serviço da nossa casa. Nossos pais não estavam por perto. Quando eles chegaram, tive que contar tudo! Afinal, quanta coisa grave poderia ter acontecido, né? O bom mesmo é brincar de brincadeiras legais, mas que não nos coloquem em perigo.

A gente só pode fazer brincadeiras radicais se nossos pais deixarem e acompanharem a diversão. Quando um adulto simplesmente se descuida e deixa a gente à toa, tem um palavão para isso: ir-res-pon-sa-bi-li-da-de!

Existem também algumas regras para certas diversões. Antigamente, no Brasil, você não podia assistir à uma peça de teatro ou a um filme no cinema, por exemplo, se não fosse permitido para sua idade. Agora é diferente: se a entrada for para pessoas com mais idade que a sua, mas um adulto estiver com você e permitir, você pode entrar mesmo assim. Nem sempre é legal fazer isso, porque se disseram que aquela diversão era para tal idade, algum motivo tem. Mas os adultos que cuidam de você devem saber direitinho o que vai ser realmente divertido ou não.

Sair para encontrar amigos também é legal. Tem momentos que quero tanto sair para ver meus amigos e todas as vezes tenho que pedir permissão aos meus pais, porque eles são meus responsáveis e têm que cuidar da minha segurança.

A gente sabe que temos o direito de brincar. Mas você sabia que xeretas podem fazer trabalhos domésticos, como por exemplo ajudar na limpeza da casa e na arrumação? Eu acho super chato ajudar em casa, mas é normal que você participe das tarefas em família. Meu irmão diz que é escravidão. Daí meu pai mostrou para ele um filme sobre escravidão de verdade e ele... continua dizendo que é escravidão.

Se você não gosta de tarefas domésticas como eu e meu irmão, não tenho uma boa notícia: se o trabalho não for pesado demais, não tem jeito, ou faz, ou chora pra não fazer! Eu tenho um truque que funciona, às vezes: corro para tomar um banho! Os adultos amam quando a gente toma banho sem ninguém mandar! Mas a verdade é que, com as tarefas em casa, você aprende a se virar bem quando for ficando maior, e isso é bom.

Nos países mais pobres, crianças desde os 5 anos são exploradas fazendo todo tipo de trabalho: costurando roupas, limpando casas, plantando e, onde tem guerra, elas até limpam armas. Aqui no Brasil, vejo várias crianças vendendo coisas nas ruas. Elas fazem isso para ajudar os pais a comprar comida e muitas delas nem estudam. O governo ajuda algumas famílias a garantir que a criança vá à escola, dando dinheiro

para ajudar com as contas de casa. Certo. Mas o governo não tem câmeras por todo o lugar para saber se essas crianças estão sendo bem cuidadas. Então as escolas dizem para o governo se esses xeretas estão estudando e o serviço de saúde diz se eles estão tomando as vacinas direitinho.

Ai, ai, é muita informação, eu sei!

QUERO ENTENDER O QUE É...

Perigo _ algo pode dar errado, não faça!

Irresponsabilidade _ quando alguém não faz o que devia fazer

Permitido _ tá liberado, vá em frente!

Exploradas _ gente obrigada a trabalhar sem direitos

Governo _ é seu pai e sua mãe, só que maior, bem maior!

QUE VIAGEM!

Nas festas juninas, muita gente viaja para cidades pequenas, onde tem muita canjica, pamonha, amendoim, milho cozido e muita música e dança!

Uma vez, nessa época, eu fui com minha família para um lugar assim. Ficamos numa casa com várias outras pessoas e foi quase um acampamento. Um frio danado, eu e meus irmãos dividimos a mesma cama para dormir todas as noites, e, na hora de preparar as refeições, todo mundo se ajudava, cada um tinha uma tarefa: comprar os ingredientes, cozinhar, pôr a mesa, lavar a louça. Todos ainda se conhecendo e se divertindo juntos!

A melhor parte era se arrumar ‘pra’ festa. Muita mala espalhada; era uma bagunça só procurar aquela sandália que combina com aquela roupa e que precisa usar aquele cinto.

_ Mãe, cadê minha sapatilha brilhante?

_ No meio das malas.

Isso não ajuda muito. Aff!

_ Tenho que cortar a mala ao meio?

_ Tá me pirraçando, é?

_ Oxe!

_ Vamos logo com isso, o forró já começou e ainda temos que ir ao parque que montaram lá pertinho.

_ Paaaaaaarque!!! _ gritou meu irmão, eufórico.

_ Achei, não. _ Disse, agoniada.

_ Aqui, ó... menina lerda! _ Segundos depois. _ cadê meu colar com pedrinhas vermelhas?

_ Vamos logo, a fila da roda gigante deve estar enorme. Vamos, mãe!

Do alto da roda gigante dava para ver toda a cidade iluminada, mas achei que era mais divertida. Fomos também no trem fantasma, escuro e cheio de monstros, de mentirinha, é claro, mas que davam uns sustinhos na gente. Gostei mesmo de um brinquedo chamado 'a barca'. Deixava a gente de cabeça pra baixo! Senti tanto medo que segurei forte a barra de proteção, e depois minha mão doía. Acredita que uma menina, maior do que eu, desmaiou de medo? Mas queria ir de novo e de novo... radical!

DIREITO À SAÚDE

ARTIGO 24

Uma criança saudável se alimenta bem, não tem dificuldades de aprender e é feliz.

Para nós, xeretas, sermos saudáveis precisamos prestar atenção no que a gente come e cuidar do nosso corpo: beber muita água, escovar os dentes, tomar banho, lavar as mãos. Tudo isso pode ajudar bastante na saúde da gente!

Praticar esportes ajuda na saúde física e mental, ou seja, você fica mais forte e se sente bem. Mas quem não gosta de praticar esportes também precisa se movimentar, evitar ficar parado na frente do computador ou com o celular, por exemplo. Eu sei que é difícil, pode apostar! Eu pratico ginástica rítmica (GR). É um esporte só de meninas que tem um pouco de dança e malabarismo. Adoro me esticar e fazer piruetas. 'Tô' só começando, mas já não consigo me imaginar sem fazer GR! No início, depois de cada treino, meu corpo doía bastante. Minha mãe sempre dizia:

_ É porque 'tá' fazendo direitinho os movimentos. Daqui a pouco acostuma.

E não é que foi assim! Os campeonatos me deixam animada. Fora que é muito legal ter amigas de GR e fazer uma maquiagem bem brilhante para competir. Aproveito para usar aquele batom cor de rosa que minha mãe nunca deixa eu usar para ir à escola!

Cole uma foto ou faça um desenho bem bonito do seu esporte, ou daquilo que você pratica para se manter saudável.

Você sabe o que faz um pediatra? Antes que você responda que esse profissional cuida dos pés, o pediatra é um médico treinado para cuidar da saúde das crianças. Seus pais precisam te levar a um pediatra algumas vezes ao ano, para acompanhar seu crescimento. Ir ao dentista também é importante.

Existe um documento, tipo um caderninho, em que os profissionais de saúde e os adultos que cuidam de você anotam várias informações sobre você: como, onde e à que horas você nasceu, seu tipo de sangue, quando você começou a falar e várias outras curiosidades sobre seu crescimento. É o cartão ou caderneta de vacinas. Nesse documento tem vários dos direitos que tem a ver com a nossa saúde (que tal pedir pra ver o seu?). Lá você pode descobrir se está crescendo com saúde, até agora.

A criança precisa dos documentos de identificação para ser atendida no SUS, que é o atendimento público de saúde (não precisa pagar), e mesmo no serviço pago. Se fico sabendo que meus pais não me deram uma vacina que eu tinha que tomar, a primeira coisa que eu faço é lembrar a eles, porque aprendi que é meu direito e que as vacinas me protegem de doenças graves. Além de oferecer algumas vacinas, os governos podem melhorar as chances de as crianças não adoecerem cuidando do saneamento básico (lixo e esgotos) e dos hospitais. Já nossos pais têm o papel de nos levar ao médico, quando a gente ficar doente, ou só ‘pra’ ver se tá tudo bem com nosso corpo; manter a casa limpa e segura; cuidar para que a gente coma coisas saudáveis – que trabalhão, hein!

QUERO ENTENDER O QUE É...

Saúde _ vai bem, quando você não fica doente e se sente feliz

Mental _ tudo que tem a ver com seu cérebro e seus pensamentos

Praticar _ treinar; fazer algo várias vezes até ficar bom

Competir _ ver quem é melhor em alguma coisa

Vacina _ remédio que a gente toma para não ficar doente, mas tem aquela aguualha!

QUERIDO BRÓCOLIS

_ Céu, precisamos comprar comida. Quer ir fazer as compras comigo?

_ Claro que eu quero! Uhuuuu, compras!

_ Vamos fazer uma listinha para não passar o dia todo lá.

_ Eu anoto!

_ Arroz, feijão, flocos de milho...

No mercado.

_ Brócolis!

Fui direto no que me interessava. Adoro uma saladinha com brócolis!

_ Tá caro demais! _ reclamou minha mãe, colocando os brócolis de volta na prateleira.

_ Querida, que bom te ver! Essa é Serena? Grandona, hein! 'Tá' zangada, Céu? _ Disse uma amiga do trabalho da minha mãe, me apertando mais do que caixinha de leite condensado que está acabando.

_ Ela quer brócolis. _ Explicou minha mãe.

_ Quê? _ Perguntou a amiga dela, confusa.

_ É. Eu disse que não vou levar, porque está muito caro.

_ Mas isso é novidade para mim: criança zangada porque não vai comer brócolis!

Ela gosta mesmo?

_ Hum, é só pôr na mesa e não sobra pra mais ninguém!

Fiquei emburrada durante todo o tempo das compras. Até ver um saquinho solitário de brócolis no carrinho, quando a minha mãe estava pagando a conta. Ai, que vontade de abraçar esse saquinho de brócolis!

DIREITO DE FALAR
ARTIGO 12
QUANTA COISA PARA DIZER!

Toda criança tem direito de escolher o sabor da pizza! É um dos momentos em que é legal poder falar. Quando alguém impede minha irmãzinha Farah Valentina, 3 anos, de falar, ela diz:

_ Vou perder meu ‘falamento’!!!

É assim que a gente se sente quando não somos ouvidos: como quem perde um ‘falamento’. Geralmente o adulto não ouve a gente quando o que está sendo decidido é muito importante. O sabor da pizza não é tão importante assim! Mas os adultos se comportam desse jeito porque eles acreditam que não temos a capacidade de pensar sobre coisa séria.

Em muitos momentos, tenho alguma dificuldade de falar com adultos que não são próximos de mim. Há xeretas que não conseguem falar nem com os adultos que eles conhecem bem, porque às vezes eles são bravos... bravíssimos! Tem uma palavra para isso: autoritários! É o mesmo que ‘mandões’!

Ter direito a falar não significa que eu e você podemos decidir tudo, porque várias coisas são nossos pais que decidem. Para que você precisa opinar sobre algo se seus pais é que decidem tudo? Porque quando os pais são mais bonzinhos existe uma chance de você ser ouvido. Pode dar certo! Então opine sempre que puder.

#quemamaconversa

Quero muito passar um tempo na França. Falei sobre isso com meus pais e eles têm pensado sobre o assunto. Acho que está dando certo, porque já tenho até passaporte. Se os adultos nunca me deixassem opinar sobre qualquer assunto que me interesse, eu tentaria encontrar alguém de confiança para me ajudar a ser ouvida. Esse é o tal do di-á-lo-go! Quando as pessoas conversam, todo mundo fala - um de cada vez, né - e todo mundo se ouve.

Se qualquer um dos seus direitos estivesse ameaçado, como por exemplo o direito de dizer o que pensa, o que você faria?

Acho que a coisa mais simples a fazer é conversar com quem te protege. Vai com jeitinho! Este livro tem muito a ver com o direito de falar, porque com o **Direitinho, Direitão** eu estou dando a minha opinião sobre os direitos das crianças e ajudando você, xereta, a falar também.

QUERO ENTENDER O QUE É...

Escolher _ quando você prefere que sua vó faça pudim e pipoca para sobremesa, ao invés de sorvete

Decidido _ quando você finalmente escolhe!

Capacidade _ o que eu sei e consigo fazer

Dificuldade _ quando a gente não consegue fazer algo direito

Opinar _ desembuchar; dizer o que pensa

Confiança _ acreditar que você está seguro

JE PARLE

Quero muito conhecer a França! Nos últimos anos, todos os meus materiais escolares têm desenhos da Torre Eiffel – aquela grandona, ou alguma palavrinha em francês. Por isso, pedi a meus pais que me levem para lá para estudar o francês e conhecer os museus famosos, os parques, e quem sabe morar lá por um tempo. Levar uma criança para um país que não é o que ela nasceu, é muito trabalhoso; mas ainda assim, meus pais me ouviram e estão tentando realizar a minha vontade.

_ O que você espera encontrar na França, Céu?

_ Croissant, pessoas diferentes e espero que a Torre Eiffel não tenha fugido!

_ Mas tem croissant na padaria aqui pertinho e pessoas diferentes tem em todo lugar. Só sobra a torre!

_ Quero viajar de avião e aprender a falar tudo em francês. E eu descobri, na internet, que tem muita gente que desenha bem por lá! Tem várias escolas boas para quem quer ser designer; e talvez eu queira. Já pensou se viro uma designer de moda famosíssima?

_ Certo. Vamos tentar.

Imagine se eu não pudesse falar... ninguém saberia a importância que tem um croissant!

DIREITO A APRENDER
ARTIGO 28
SABER, SABÊ-Ê
SABER, SABÊ-Ê
É O MELHOR PARA PODER CRESCER!

Bem antigamente, as crianças não iam à escola. Aprendiam só o que podiam observar, ou seja, xeretando. Essa é a prova de que a escola não é único lugar onde se pode aprender sobre o mundo. Aprendemos com o nosso dia-a-dia, em todo lugar.

Quando estou em casa, aprendo sobre meus direitos, a cuidar do meu corpo (pentear o cabelo é o grande desafio!), a lavar louça. Navegando na internet, aprendo a fazer miniaturas, pesquiso assuntos da escola, aprendo a cantar em inglês e a dançar as músicas que fazem sucesso. Na rua, aprendo a identificar os caminhos para casa, para escola, vou a cursos, faço ginástica e, principalmente, aprendo a me mover em segurança.

Mas tudo que fazemos quando criança deve ter a ajuda dos pais ou responsáveis, porque o papel dos adultos na nossa educação é muito importante, em boa parte do tempo e da nossa vida.

Eu já estive em várias escolas e agora estou estudando em uma pública. As pessoas não precisam pagar para estudar em escolas públicas. Isso é bom, porque nem todas as famílias têm dinheiro para pagar pelos estudos das crianças! A grande diferença entre a escola gratuita (pública) e a paga (particular ou privada) é que na pública me sinto menos segura, e não dá ‘pra’ garantir que vai ter aula todos os dias e na hora certinha; tem menos conforto também. Mas tem livros e lanche de graça para os estudantes: isso é lei, tem que ter. Eu percebi que nem todas as crianças e adolescentes conseguem se matricular nas escolas públicas. Minha mãe demorou a conseguir uma vaga para mim.

Falar sobre direitos na escola merece outro livro!

A escola é importante porque você aprende a conviver com pessoas diferentes, conhece histórias diferentes da sua - o nome disso é diversidade, e faz várias amizades.

Eu vejo que a escola pública tem mais diversidade do que a escola particular. Quando eu estava no 1º ano, estudei numa grande escola particular e eu era a única criança negra em todas as turmas de educação infantil. Uma coleguinha me perguntou logo nos primeiros dias de aula:

_ Sua família é igual a você? Todos têm a mesma cor?

Provavelmente, ela não teve a chance de conviver com pessoas muito diferentes dela até aquele recreio. E olha que eu moro em um lugar cheíssimo de gente negra como eu - a Bahia!

Em países em desenvolvimento, como o Brasil, nem todas as crianças vão à escola e têm as mesmas chances de aprender. O tempo que uma criança fica na escola é decidido pelo seu país. Na maioria dos lugares a gente precisa ir à escola por mais ou menos 10 anos – é o que chamamos de ensino básico no mundo todo.

Uma coisa ‘mega’ importante que aprendemos nas escolas (e também em casa) é obedecer às regras. Quando nós desobedecemos às regras da escola existem consequências. Quem decide se você vai ser suspensa – ficar fora da escola algum tempo, receber uma advertência ou coisa do tipo é a diretoria escolar. Se você fizer algo muito grave pode ser até expulso – ficar proibido de estudar naquela escola novamente. Por isso, fica a dica: vamos seguir às regras!

Só para lembrar: aprender é bom de todo jeito. Se é seguro e te deixa mais esperto, xereta, vá em frente!

QUERO ENTENDER O QUE É...

Sucesso _ quando algo deu muito certo

Identificar _ saber o que é o quê

Segurança _ quando não tem perigo

Obedecer _ fazer do jeito que o adulto manda

Negra _ pessoa com a cor de pele marrom ou preta e cabelos crespos

Proibido _ não pode, não pode, não pode!

Desenvolvimento _ algo que está crescendo ou ficando bom

Consequências _ é o resultado de tudo que você faz, podem ser boas ou ruins

Advertência _ um recado para prestar atenção, tipo sinal amarelo

10 coisas que adorei aprender no último ano

UM CROCHEZINHO COM A VOVÓ

Minha vó Jô faz crochê e ela é muita boa nisso! É um tipo de artesanato em que usamos agulha e linha para fazer diversas coisas. Eu tenho várias peças de crochê: camisetas, saias, vestidos e até sapatinhos e chapéus. Já que eu gosto tanto, decidi aprender a fazer.

_ Primeiro, você precisa ter seu próprio material: agulha e linhas. _ Explicou minha vó.

_ Eu quero fazer um vestido rodado!

_ Vamos começar com uma trança.

_ Essa agulha no meu cabelo, não!

_ Menina, uma trança é a primeira coisa que se faz com a agulha e com a linha para começar qualquer coisa de crochê. É um nó e depois outro e depois outro.

_ Ah, entendi, vó. O vestido fica pronto quando?

_ Faz a trança, primeiro.

_ Aff... isso é difícil! Não dá pra fazer o vestido sem a trança?

_ Não. Pára de enrolar, Céu.

Foram vários dias fazendo a tal da trança. Depois aprendi a fazer alguns pontos, que são desenhos diferentes um do outro que a gente faz com a trança. O vestido vai ficar pronto logo... se eu realmente praticar o que minha vó ensinou. Se eu for para longe dela, vou fazer crochê para me sentir mais perto e matar um pouco a saudade.

DIREITO À IGUALDADE

ARTIGO 2

Discriminação é quando as pessoas deixam de proteger seus direitos e de te respeitar, porque acham você muito diferente. O direito à igualdade diz que não importa a sua religião, cor de pele, língua, tamanho, que seja como você for, você tem que ser respeitado.

Não lembro de ter sofrido discriminação, mas meu irmão conta que uma vez outra criança apontava ‘pra’ ele e dizia rindo:

_ Olha, ele é preto!

Como se a cor da pele dele fosse algo ruim e ele devesse ter vergonha!

Isso é discriminação racial e é um problemão no mundo todo.

Igualdade é quando todas as crianças têm os mesmos direitos.

Algumas crianças têm direitos especiais porque têm necessidades especiais, e elas devem ter mais proteção. Existem desenhos animados, programas de TV, jogos eletrônicos que falam sobre esse assunto e ajudam pessoas sem essas necessidades especiais a entenderem que não tem tanta diferença assim. Já viram a pessoa que aparece falando Libras (a língua dos surdos, que se fala com as mãos), no cantinho da TV toda vez que um programa vai começar? Na escola onde estudo crianças assim são acompanhadas por um adulto que ficam por perto para ajudar com as atividades escolares.

O direito à igualdade não é respeitado em várias partes do mundo. O *bullying* (se fala *búlin*) é a palavra que estão usando para falar da discriminação nas escolas. Tipo aqueles apelidos que deixam alguém envergonhado e triste, ou aqueles alunos que gostam de amedrontar os outros, ameaçando bater no outro ou coisa parecida. Negócio chato!

Outro exemplo, em alguns lugares os meninos são mais bem tratados que as meninas. Isso tem a ver com a história da humanidade. Sabia que os meninos foram à escola antes das meninas? Isso porque pensava-se que as meninas deviam se preparar apenas para cuidar da casa, dos maridos e dos filhos. Minha mãe diz que as mulheres vivem muito mal, ainda hoje, por causa dessa história de ‘patriarcado’ (seja lá o que for isso!).

Às vezes as pessoas fingem que a discriminação não existe, mas isso não é verdade! Também precisamos dos nossos pais ou responsáveis para defender esse direito, mas nem sempre eles estão preparados para isso. Adultos também sofrem com discriminação de todo tipo!

Você já sofreu algum tipo de discriminação? Se acontecer é importante falar para as outras pessoas que você está se sentindo mal, para não acontecer mais vezes.

QUERO ENTENDER O QUE É...

Diferente _ o que não é igual

Respeito _ agir de uma forma que não machuque outra pessoa

Necessidade _ precisar de algo

Proteção _ quando alguém cuida de você

Defender _ não deixar que algo de errado aconteça

Ameaçando _ fazer outra pessoa sentir medo

Agora é a sua vez de dizer NÃO à discriminação. Que tal criar uma *hashtag* super legal para espalhar essa ideia? #

DE MENINO OU MENINA?

Quando meu irmão, Pedro Amon, tinha 5 anos, meus pais deixaram ele levar um carro de brinquedo para escola. Ele queria emprestar para uma coleguinha com quem ele costumava conversar. Na volta da escola, meu irmão estava meio triste. Meus pais perguntaram:

_ O que houve, Pedrinho?

_ A pró não deixou minha coleguinha brincar com meu carro.

_ Mas por quê?

_ Porque ela é menina.

_ O que isso tem a ver?

_ A pró disse que meninas brincam com brinquedos de meninas e meninos, com brinquedos de meninos.

_ Que bobagem! Quem decide o que é brinquedo de meninas e o que é brinquedo de meninos?

_ Brinquedo só tem que servir para brincar e só. _ Eu disse. _ Quando eu era pequenininha, ganhei um carrinho de madeira lindo! Eu brinquei com ele por muito tempo.

_ Mas muita gente da família reclamou! _ contou minha mãe. _ Disse que eu devia ter presentes de menina. Infelizmente, as pessoas ligam muito para essa bobagem.

No dia seguinte, meus pais foram à escola entender melhor porque isso aconteceu e descobriram que meninos e meninas brincavam separados, durante o recreio. Foi um auê! Mas o jeito foi trocar a escola do meu irmão.

Fiquei pensando: se as meninas não podem brincar com carros, também não podem dirigir quando forem gente grande? Certo? Claro que não! Como minha mãe disse: bobagem!

DIREITO À PROTEÇÃO
ARTIGO 19
UM, DOIS, TRÊS, SALVE TODOS!

Xereta, alguns sinais demonstram que você pode estar sofrendo maus tratos. Um deles é a violência verbal, quando as pessoas te deixam com medo ou triste usando as palavras e outro é a violência física, quando as pessoas batem na gente e nos machucam. Acho que muitas crianças já ouviram de um adulto:

_ Como você é chata, criança!

Ou

_ Não aguento mais você, só me traz problemas!

Uma criança maltratada deve procurar uma pessoa de confiança que a ajude. Essa pessoa, que deve ser um adulto, precisará bater um papo com os pais dela ou encontrar um conselho tutelar mais próximo de sua casa. Calma, vou explicar: existem algumas organizações criadas para proteger nossos direitos. O conselho tutelar é a que fica mais

próxima de sua família, é mais simples ir lá e pedir ajuda. Quando alguém vai ao conselho tutelar com certeza receberá ajuda para proteger a criança que está em perigo. Os conselheiros vão até a criança ver o que está acontecendo, qual é o problema e se eles não conseguirem resolver irão até a justiça pedir apoio.

Alguns países têm um número de telefone gratuito para as crianças pedirem ajuda. É tipo um Disque-Salve-Todos!!!

Existe um tipo de violência diferente que nem eu sabia que existia, antes de começar a escrever este livro! Tô falando da *violência ligeira* que é aceita pela lei. Sabe aquelas palmadinhas que os adultos da nossa família dão na gente? Acredite, eles têm o direito de fazer isso quando a gente apronta! Mas se essa violência se repete sempre, todo dia, toda hora, deixa de ser *violência ligeira* e passa a ser maus tratos. Fica de olho! Uma pessoa que maltrata uma criança pode ser presa se for denunciada. Quer dizer, tem que aparecer um dedo-duro-do-bem ‘pra’ defender a criança.

No Brasil, a violência contra a criança é mais comum do que a gente gostaria. Talvez, por isso, os adultos não gostem muito de falar em direitos da criança por aqui.

E eu? Sim, sim, xeretas, ainda levo umas palmadas. Não é bom (claro!), mas eu acho normal... quase toda criança corre o risco de levar uma palmadinha na vida, depois de fazer besteira, né?! Minha mãe diz que todas às vezes que ela bateu em mim, foi porque o cérebro dela ficou cansado de pensar como me fazer entender alguma coisa. Só fico imaginando se fosse permitido bater no adulto quando eles fizessem besteira... ha ha ha, acho que isso não iria virar lei! Por falar em lei, soube que a palmadinha nos xeretas pode ser proibida, mas ainda não está nada decidido. Cruze os dedos!

Não podemos esquecer do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, que foi criado no Brasil há mais de 30 anos (em 1990). O ECA reúne todas as leis brasileiras que protegem as crianças. Cada país tem suas leis próprias para cuidar da gente.

[Agora, com a ajuda de um adulto, encontre o endereço e o telefone do conselho tutelar mais próximo da sua casa e anote aqui.](#)

Investigue mais sobre o ECA!

TÁ DE CASTIGO

Você sabe de algum castigo bom?

Ficar de castigo às vezes é pior do que palmada!

O que eu mais odeio é quando minha mãe troca a senha do meu tablet. Por que ter um tablet se eu não posso usar?

_ Troquei a senha e pronto!

_ Ah, não, mãe! Quase não uso.

_ Hã, hã... quase não usa quando eu estou olhando, né?

_ Não tem motivo! Isso é maus tratos.

_ Oi? 'Tá' doendo onde? 'Tá' passando vergonha? 'Tá' com medo?

_ Não 'tô' sentindo nada disso.

_ Então, por que é maus tratos?

_ Sei lá! Porque estou triste, acho.

_ Ficar triste é normal. Não fazer tudo que quer não é motivo para se sentir maltratada.

_ Ah, tá! Que vida chata!

A próxima página é uma cartinha para você entregar a um adulto que cuide de você. Se você tem mais coisas a dizer, é só escrever no espaço que deixamos para isso logo depois. Decore com todo carinho e vê o que acontece. Depois me conta.

CARA GENTE GRANDE

Olá, tudo bem?

Me conta o que você faz para proteger meus direitos. Se precisa de dicas, aí vai uma: tente conversar comigo 'pra' que a gente se entenda. Aí vai outra, leia o *Direitinho*, *Direitão* todinho e aproveite para pensar melhor nessa história de direitos infanto-juvenis.

Nem todos os adultos sabem tudo sobre xeretos. Você precisa se esforçar para não ser gente tão mandona e começar a ser mais paciente. Às vezes vocês, adultos, sabem o que estão fazendo, mas seja grande ou pequena a criança não aceita. Às vezes nós,

crianças, temos medo de enfrentar os adultos. Quase sempre um tem preguiça de ouvir o outro e é aí que a coisa fica difícil.

Você não tem que saber tudo para cuidar de mim. Relaxe e tente me mostrar sua experiência com a vida e aprender comigo também. Sei que criança tem que respeitar o lugar do adulto, mas é complicado aprender várias coisas ao mesmo tempo e, 'pra' isso, contar com gente complicada que nem você. Há momentos em que os xeretas estão certos, e você não deve ter vergonha de falar se estamos ou não.

Eu quero aprender quais são meus direitos para crescer mais feliz. Você e toda essa gente grande pode me lembrar o quanto trabalham duro para nos alimentar, pôr a gente na escola, proteger da violência, essas coisas. Mas não esqueça de lembrar tudo isso como se estivesse conversando com aquele bom e velho amigo que você respeita tanto.

O bom é que agora você tem ajuda para ser melhor na tarefa 'cuidar de xereta'... Minha ajuda! Aprendeu direito, né? Então vamos bater um papo, de preferência com um docinho por perto.

Com amor,

Uma criança xereta